

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A religião e a cultura popular: as Festas do Espírito Santo na ilha Terceira nas últimas décadas

Raquel Rocha Barbosa

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora:

Doutora Luísa Tiago de Oliveira, Investigadora Integrada e Professora Associada, Cies – ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023



**SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS**

Departamento de História

**A religião e a cultura popular: as Festas do Espírito Santo
na ilha Terceira nas últimas décadas**

Raquel Rocha Barbosa

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora:

Doutora Luísa Tiago de Oliveira, Investigadora Integrada e
Professora Associada, Cies – ISCTE – Instituto Universitário de
Lisboa

Outubro, 2023

Agradecimentos

Esta dissertação é fruto de um percurso cheio de altos e baixos, mas profundamente enriquecedor, não só a nível académico, como a nível pessoal. Este percurso foi acompanhado pelas pessoas que passo a citar agradecendo o contributo e apoio nesta dissertação.

À minha orientadora, a professora Doutora Luísa Tiago de Oliveira, pelo apoio e incentivo na escrita desta tese. Agradeço também a introdução à História Oral, que se mostrou fundamental para a realização deste estudo.

Aos meus pais, Almerinda e Jorge, por me apoiarem e incentivarem todos os dias, por me darem a oportunidade de seguir sempre os meus sonhos. O vosso amor incondicional ajudou-me muito nos momentos menos bons de todo este percurso.

À minha irmã Carolina, por acreditares sempre em mim, pelas conversas profundas, pelo incentivo, por assegurares sempre que estou bem. Agradeço-te também por me dares a minha razão de alegria, o nosso Vicente.

À minha prima Sofia, pelas sessões de terapia, pelo incentivo constante, pela paciência e apoio nos meus momentos de pânico.

Ao senhor Renato Oliveira, sem a sua disponibilidade em emprestar-me a sua tão estimada coleção de livros sobre as Festas de Espírito Santo nos Açores, não teria conseguido enriquecer a minha pesquisa.

Aos senhores padres, Doutor Hélder Fonseca Mendes, Doutor Júlio Rocha, e Moisés Couto Rocha, pela disponibilidade em dar um contributo muito enriquecedor para a dissertação.

À Ana Lima, Maria João Romeiro, Margarida Luís, Fátima Silva, e José Carlos Silva, pela prontidão com que aceitaram fazer parte deste estudo.

À Maria Paula, Maria João e ao Zé, por tornarem o meu percurso neste mestrado mais leve, cheio de companheirismo, gargalhadas e muitos bons momentos.

E por fim, mas não menos importante, à Ana e à Mariana, por me acompanharem na loucura que foi este processo. Agradeço-vos pelas tardes passadas no ISCTE, pelas conversas na esplanada acompanhadas de deliciosas queijadas de cenoura, pela varanda de Quarteira, pelos incentivos e constante disponibilidade para acalmar a minha cabeça ansiosa, que faz tempestades e filmes por tudo. Obrigada, meninas.

Resumo

As festas do Espírito Santo são um traço característico e identitário da cultura popular açoriana. Surgiram em Portugal continental no século XIII, e propagaram-se para diferentes territórios nacionais, como Açores e Madeira, e posteriormente para territórios da diáspora portuguesa, como Brasil, Canadá e Estados Unidos, onde permanecem até aos dias de hoje. Estas festas constituem um meio de afirmação da comunidade que as celebra, relativamente à sua ligação com a tradição, identidade e coletividade.

O objetivo deste estudo consiste em analisar a evolução das festas do Espírito Santo na ilha Terceira, nas últimas décadas. Pretende-se compreender porque se mantém viva a tradição destas festas, através da análise de questões como a motivação da população, as mudanças das festas ao longo do tempo e a identidade cultural.

Partindo da hipótese que houve uma evolução, isto é, mudanças na vivência das festas e na adesão da população, pretende-se caracterizar essas alterações ao nível social e cultural, tendo principalmente em consideração testemunhos de quem as promove e vive, e chegar a conclusões sobre a motivação e o porquê da continuidade da sua existência.

Palavras-chave: Festas populares; Espírito Santo nos Açores; Religião; Tradição; Cultura popular; Identidade.

Abstract

The Holy Spirit Festivals are a characteristic and identity-defining feature of Azorean popular culture. They originated in Portugal in the 13th century and spread to different national territories such as Azores and Madeira, and later to Portuguese diaspora territories like Brazil, Canada, and the United States, where they continue to be celebrated to this day. These festivals serve as a means of community affirmation in relation to their connection with tradition, identity, and collectivity.

The objective of this study is to analyze the evolution of the festivities of the Holy Spirit in Terceira island, in the last decades. It is intended to understand why the tradition of these festivals is kept alive, through the analysis of issues such as population motivation, the festivals changes through time, and cultural identity.

Starting from the hypothesis that there was an evolution, that is, changes in the experience of the festivals and in the adherence of the population, it is intended to characterize these changes in a social and cultural level, taking mainly into account testimonies of those who promote and live them, and to reach conclusions about motivation and reasons for the continuity of their existence.

Key words: Popular festivals; Holy Spirit in the Azores; Religion; Tradition; Popular culture; Identity.

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract.....	v
Capítulo 1 - Introdução.....	1
1.1 Objeto de estudo e sua justificação.....	1
1.2 Estado da arte.....	2
1.3 Objetivos.....	8
1.4 Conceitos	8
1.5 Fontes e metodologia.....	13
1.6 Limites e potencialidades	15
Capítulo 2 – Percursos das festas do Espírito Santo.....	17
2.1 A génese em Portugal	17
2.2 Viagens por territórios portugueses e diáspora.....	20
Capítulo 3 – A chegada e a afirmação nos Açores	25
3.1 A chegada e a afirmação nos Açores.....	25
3.2 Características das festas	27
3.2.1 Duração, sequência e rituais das festas.....	27
3.2.2 Personagens e símbolos	34
3.2.3 Os Impérios nos Açores: significado arquitetónico e cultural.....	39
3.3 Significado das festas	41
3.3.1 Conexões comunitárias e religiosas.....	41
3.3.2 Diversidade e autonomia das festas.....	44
Capítulo 4 – A mudança nas festas na Terceira nas últimas décadas.....	49
4.1 Traços das festas na ilha	49
4.2 A participação.....	54
4.3 A religiosidade.....	59
4.3.1 Mudanças na religiosidade	59
4.3.2 A Igreja e o seu papel	61
4.4 Causas da mudanças e continuidade das festas	63
4.5 Significado das festas para a população	66

Conclusão	69
Fontes	75
Legislação	75
Testemunhos Orais	75
Bibliografia.....	75
Webgrafia	78
Anexos.....	81
Anexo A – Definição dos símbolos das festas do Espírito Santo.....	81
Anexo B – Definição da ementa das festas do Espírito Santo nos Açores.....	84
Anexo C - Guião de entrevistas.....	86
Anexo D – Perfil dos entrevistados leigos.....	87
Anexo E – Perfil dos entrevistados do clero.....	90

Índice de figuras

Figura 2.1: Mapa de viagens das festas do Espírito Santo	21
Figura 3.1: Coroação no final da missa, freguesia de Aqualva, Ilha Terceira, 28 de maio de 2023	29
Figura 3.2: Sopa do Espírito Santo e cozido	30
Figura 3.3: Alcatra em forno de lenha	31
Figura 3.4: Coroa do Espírito Santo, Aqualva, Ilha Terceira, 26 de maio de 2023	36
Figura 3.5: Bandeira da Coroa do Espírito Santo	37
Figura 3.6: Altar do Espírito Santo na freguesia de Aqualva, Ilha Terceira, 28 de maio de 2023	38
Figura 3.7: Império do Espírito Santo na freguesia de São Sebastião, Ilha Terceira	40
Figura 4.1: Bonecos de alfenim	51
Figura 4.2: Dia de Bodo na freguesia de Aqualva, Ilha Terceira, 28 de maio de 2023	52
Figura 4.3: Animação da filarmónica no Bodo na freguesia de Aqualva, Ilha Terceira, 28 de maio de 2023	53

Índice de tabelas

Tabela 1 – Definição dos símbolos das festas do Espírito Santo	81
Tabela 2 – Definição da ementa das festas do Espírito Santo nos Açores	84
Tabela 3 – Perfil dos entrevistados leigos	87
Tabela 4 – Perfil dos entrevistados do clero	90

Capítulo 1 - Introdução

1.1 Objeto de estudo e sua justificação

O tema que pretendo desenvolver como dissertação é a relação da religião com a cultura popular. Dado que cultura e religião são dois mundos imensos, decidi utilizar um caso de estudo para melhor entendimento do fenómeno identificado: as festas do Espírito Santo, com foco na ilha Terceira. A utilização do caso de estudo permite perceber e estudar o objeto escolhido em profundidade (Bryman, 2012).

A motivação para escolha da ilha Terceira é do foro pessoal, por ser a ilha de onde sou natural, tendo crescido rodeada de uma riqueza cultural muito marcada pela fé e pelo culto. Não posso também deixar de referir, como aponta Leal (1997) ao citar Vitorino Nemésio, que o terceirense “dos ilhéus é ele o mais festeiro” (Nemésio, 1986b, citado por Leal, 1997).

Deste modo, o objeto de estudo desta dissertação é a evolução das festas do Espírito Santo nos Açores, especificamente na ilha Terceira. Pretende-se compreender porque se mantém viva a tradição destas festas, partindo da análise de questões como a motivação da população, as mudanças das festas ao longo do tempo e a identidade cultural.

Grande parte das festas populares terceirenses têm origem religiosa. Como identificam Martins (1992) e Pereira (2017) ao citar Costa (2010), as festas nos Açores estão divididas em ciclos: o ciclo do Espírito Santo, o ciclo do Touro e o ciclo do Homem e de Deus. O ciclo do Espírito Santo é vivido no mês de Maio e “evoca o carácter de celebração, do agradecimento, das promessas realizadas e da caridade” (Pereira, 2017, p. 36). O ciclo do Toiro, também tem o seu início no mês de Maio, onde reivindica “a força do trabalho no campo e o sacrifício do touro como animal apreciado no âmbito da cultura açoreana.” (Pereira, 2017, p. 36). Por fim, o ciclo do Homem e de Deus, “remete para a veneração aos mortos no dia dos finados e o agradecimento dos vivos assim como para as graças obtidas ao longo do ano.” (Pereira, 2017, p. 37). Cada ciclo, segundo Caillos (1950), a forma como a vida da sociedade açoriana se organiza em ciclos, “imita a dinâmica própria da natureza e instaura o tempo de renovação permitindo sem perigo a entrada de novos elementos na cultura.” (Caillos, 1950, citado por Pereira, 2017, p. 36).

1.2 Estado da arte

A bibliografia foi consultada segundo uma lógica geográfica, sendo que iniciei a pesquisa através de bibliografia referente às festas do Espírito Santo em Portugal e nos Açores em geral, e, posteriormente, de bibliografia focada nas festas do Espírito Santo na ilha Terceira.

Autores como Leal (1994;2017a), Carvalho (1992), Fernandes & Fernandes (2006) abordam as festas do Espírito Santo em Portugal e nos Açores, destacando diversos aspetos culturais, religiosos e históricos relacionados a essas celebrações. Estes autores sublinham a importância das festas como elementos de identidade cultural e social, assim como enfatizam a relação entre o religioso e o profano nessas festividades.

As festas do Espírito Santo nos Açores são amplamente estudadas antropológicamente por João Leal, pelo que recorro a diversos livros e artigos científicos da sua autoria para a explicação destas.

Leal (1994), no livro intitulado *As festas do Espírito Santo nos Açores: Um estudo de Antropologia Social*, aborda as Festas do Espírito Santo em Portugal, com ênfase nas origens, identidade cultural, características das festas, transformações ao longo do tempo e a relação entre o povo e o clero. O objetivo do livro é interpretar essas festas à luz de diversos contextos, incluindo religiosidade, estrutura social e concepções cíclicas do tempo nas sociedades rurais. O autor discute a importância das festas como elementos de identidade cultural e como instrumentos de coesão social. Além disso, aborda a autonomia das festas em relação à Igreja e como a emigração influenciou as transformações nas celebrações ao longo das últimas décadas.

Numa publicação mais recente deste autor, *O culto ao Divino*, Leal (2017a) aborda novamente as festas do Espírito Santo em Portugal, no Brasil e na América. Os objetivos do livro consistem em fornecer uma visão histórica e etnográfica das festas, onde argumenta contra a ideia de que são eventos superficiais, e defende que são tanto uma celebração religiosa quanto uma construção social.

Leal (2017a) começa por oferecer uma visão geral das festas ao longo da história, incluindo a sua origem, características e geografia. Ele explora três narrativas sobre a origem das festas, relacionadas com a rainha Santa Isabel, a Ordem Franciscana e a razão da chegada da Idade do Espírito Santo. Também discute como as festas se espalharam pelo mundo, refletindo diferentes formas de globalização e inserção de Portugal nos

circuitos globais. Além disso, Leal (2017a) destaca a diversidade e multiplicidade das festas, que evoluíram ao longo do tempo e em diferentes contextos, e sublinha que têm um papel na construção de identidades culturais e sociais.

O padre Hélder Fonseca Mendes, no seu livro *Do Espírito Santo à Trindade: um programa social de cristianismo inculturado*, resume as linhas de força essenciais relacionadas com as festas do Espírito Santo, clarifica uma série de conceitos importantes para compreender as suas características e analisa os conflitos entre a estrutura da Igreja e a dinâmica popular. Deste modo facilita a compreensão deste fenómeno religioso popular, ao permitir uma reflexão sobre o tema.

Outro autor que aborda o culto do Divino Espírito Santo nos Açores e destaca a forte ligação entre a cultura popular e a fé religiosa nas festas relacionadas a essa devoção é Américo de Carvalho, irmão do Espírito Santo da Misericórdia de Angra. Carvalho (1992), autor de um dos capítulos do livro *A festa nos Açores* de Francisco Martins, com o título *Em louvor do Divino e... dos açorianos*, enfatiza que a fé milenar dos açorianos é vivida de forma intensa e é um elemento central na identidade cultural da região. Além disso, no seu texto menciona a importância da emigração açoriana na preservação e revitalização dessas festas, destacando que a fé transcende o tempo e o espaço.

O casal Aurélia Armas Fernandes e Manuel Fernandes (2006), no seu livro *Espírito Santo em festa*, explicam as festas do Espírito Santo, enquanto tradição religiosa e cultural nas regiões dos Açores e outras partes de Portugal. No decorrer do livro abordam diversos aspetos dessas festas, incluindo as insígnias usadas, como a coroa, o ceptro, a bandeira da coroa e as varas. Também descrevem os papéis de figuras como o imperador e os mordomos, bem como os carros do Espírito Santo e a folia dos bezerros. Além disso, no seu texto exploram a simbologia dessas insígnias e discutem a origem das festas do Espírito Santo, relacionando-as com rituais históricos de oferendas de pães e destacando a importância da partilha e da caridade. Estes autores mencionam como essa tradição se espalhou para outras partes do mundo devido aos Descobrimentos. Destacam a importância cultural e religiosa das festas do Espírito Santo para as comunidades açorianas, como elas expressam a devoção à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, e têm raízes profundas na história e na identidade das comunidades onde são celebradas.

Ainda no que concerne ao contexto dos Açores, mas com ênfase no significado das festas para o arquipélago, é de destacar dois livros de coletâneas de artigos científicos

coordenados Duarte Nuno Chaves, Diretor Regional do Assuntos Culturais na Secretaria regional da Educação e dos Assuntos Culturais.

O primeiro livro, editado em 2017, resultou do colóquio “Açores e Madeira: percursos de memória e identidade”, que ocorreu a julho de 2016. Deu-se a compilação de artigos escritos em torno de memórias arquipelágicas, com o intuito de reforçar o conhecimento dos processos de formação identitária das ilhas.

Deste livro, intitulado da mesma forma que o colóquio, *Açores e Madeira: percursos de memória e identidade*, sublinho dois artigos. O primeiro escrito por Duarte Nuno Chaves, com o título *Religiosidade em contexto de turismo cultural. As imagens de vestir nos Açores e Madeira: cinco séculos de um património partilhado*; e o segundo da autoria do historiador madeirense Alberto Vieira, *Memória e identidade insular. De Gaspar Frutuoso à atualidade*.

Chaves (2017) aborda o tema da religiosidade em contexto de turismo cultural nos Açores e Madeira, com foco no património material e a sua relação com o património imaterial, como procissões e romarias. O objetivo principal do artigo é destacar como o turismo cultural e religioso pode contribuir para a preservação das tradições e da identidade cultural das ilhas. Ressalta ainda a importância de manter a perenidade identitária desses eventos culturais e religiosos, promovendo o conhecimento e respeitando a alteridade dentro desse contexto. Alguns pontos-chave destacados pelo autor incluem: o papel do turismo cultural e religioso na preservação da identidade cultural das ilhas e na revitalização da memória das comunidades locais; a interligação entre os conceitos de cultura, religião e turismo, com ênfase na proximidade entre essas noções; o património religioso como resultado da atividade cultural do ser humano, incorporando representações no património material e no subconsciente identitário das civilizações; a definição do sentimento de insularidade, que relaciona o sagrado com a proximidade da natureza e influencia várias manifestações culturais nas ilhas; a religiosidade como parte fundamental da identidade regional cultural desde o povoamento dos arquipélagos dos Açores e Madeira, influenciando hábitos, afetos e devoções ao longo da história dessas ilhas.

Vieira (2017) argumenta que existe uma relação entre a memória e a identidade nas ilhas dos Açores e Madeira, com foco em alguns temas-chave, como a História Oral, a Nesologia e a obra de Gaspar Frutuoso, que contribuem para a compreensão da identidade das ilhas atlânticas e como a identidade regional é moldada pela geografia, cultura e memória coletiva das comunidades insulares. O autor nota a importância da História Oral,

Histórias de Vida e Autobiografias como fontes valiosas para a pesquisa histórica das ilhas atlânticas. Essas abordagens permitem uma nova forma de fazer História e contribuem para a preservação da memória das comunidades locais. O termo "Nesologia" é introduzido como a ciência das ilhas, proposta por José Pereira da Costa (Vieira, 2017). É enfatizada a necessidade de reavaliar as práticas de pesquisa e promover projetos e discussões interdisciplinares para desenvolver e estudar a Nesologia como uma ciência que se concentra na identidade das ilhas. Segundo Vieira (2017), a obra de Gaspar Frutuoso é reconhecida como uma fonte fundamental para a história das ilhas. As suas obras são consideradas a "Bíblia da História das ilhas" e fornecem informações essenciais sobre a vida e a história dos habitantes das ilhas.

O segundo livro, editado por Duarte Nunos Chaves em 2019, intitula-se *Memória e identidade insular: religiosidade e turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores*, de onde surgem diversos artigos que destacam a importância das memórias compartilhadas na construção da identidade nas regiões insulares dos Açores e da Madeira, realçando a conexão entre religião, festas e turismo. Os autores dos diversos artigos que constituem o livro, como passo a explicar de seguida, exploram como a religião e as festas desempenham papéis cruciais na cultura insular, influenciando a economia e transformando rituais religiosos em objetos de consumo.

Frederico Maciel (2019), ex-presidente da Câmara Municipal de Velas, deputado regional, presidente da Assembleia Municipal de Velas e Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Velas durante mais de 15 anos, em *O Espírito Santo na Ilha de São Jorge. A ténue fronteira entre o religioso e o profano*, discute a complexa interação entre o religioso e o profano nas festas do Espírito Santo em São Jorge, destacando a importância dessas celebrações para a identidade e a cultura açoriana. Embora seja dado destaque à ilha de São Jorge, ao autor levanta questões ao nível das celebrações das festas em contexto regional. Ele questiona a autenticidade das celebrações folclóricas em comparação com as festas tradicionais em louvor do Espírito Santo. Relativamente à questões de memória e identidade das festas, Maciel (2019) interpela se as festas do Espírito Santo representam uma profanação do religioso, uma sublimação do profano ou uma coexistência de conteúdo em formas distintas entre o divino e o humano. Ele destaca a efusiva alegria, o divertimento, a partilha e a solidariedade presentes nas festas como cumprimento de princípios evangélicos, questionando se essas celebrações refletem uma forma mais genuína de religiosidade do que as práticas convencionais da igreja.

Uma outra autora Lélia Nunes (2019), professora universitária e socióloga, investigadora da cultura popular tradicional de Santa Catarina (Brasil), nomeadamente nas sobrevivências culturais açorianas desde 1984, no artigo *Festa do Divino Espírito Santo nos Açores e sua Expressão Identitária: Símbolos, Ritos Religiosos e Populares, Celebrações*, aborda as Festas do Divino Espírito Santo nos Açores, e destaca a multiplicidade de rituais e a sua importância na cultura e identidade do povo açoriano. As festas são descritas pela autora como um elemento central na vida social e cultural das comunidades onde são celebradas, representando um passado distante e uma herança comum. Sublinha-se a importância da preservação das tradições culturais das festas e o seu valor como produto turístico de excelência.

A socióloga e professora catedrática Maria Beatriz Rocha Trindade (2019) explora a relação entre a história, cultura e identidade nas celebrações anuais em honra dos migrantes nos Açores, em *Em honra dos Migrantes, Sagrado e Profano nas Celebrações Anuais*. Destaca a importância das festas, que têm uma origem religiosa, mas que ao longo do tempo incorporaram elementos profanos. Essas celebrações atraem fiéis, peregrinos, visitantes e turistas, tornando-se espaços de encontro e reencontro que alimentam novas experiências. A autora também aborda a crescente combinação de elementos religiosos e profanos nessas festas, que continuam a evoluir ao longo do tempo.

O artigo de Andreia da Silva (2019), *O culto do Espírito Santo no Corvo*, explora o culto ao Espírito Santo nos Açores, destacando, novamente a sua importância para a identidade açoriana e sua extinção no continente. À semelhança de Maciel (2019), a autora centra-se nas festividades numa ilha, o Corvo. Contudo, ela aborda a multiplicidade de manifestações desse culto, que varia de ilha para ilha e até entre as freguesias.

Ressalto também o contributo de, novamente, Alberto Vieira (2019), no seu artigo intitulado *Da Economia do Céu e as mobilidades no espaço insular. Peregrinação, romarias e festividades*. Este explora a relação entre religião, festividades religiosas populares e identidade nas ilhas dos Açores, Canárias e Madeira. Ele destaca como a religiosidade e as festas desempenham um papel importante na mobilidade e vida das populações insulares. O artigo menciona a presença de práticas religiosas e profanas, como o "arraial," que têm como base a devoção popular ao Espírito Santo e que desempenham um papel significativo nas festas dos Açores. Essas festas são vistas como uma expressão da identidade de cada região, lugar, ilha ou arquipélago e servem como

elo de ligação com as origens para os emigrantes. Vieira(2019) também levanta questões sobre o futuro dessas tradições religiosas e se elas estão a evoluir para novas formas de expressão da sua devoção ou se simplesmente estão a passar por um revivalismo.

No que toca aos estudos sobre as festas do Espírito Santo na ilha Terceira, Leal (1994) também descreve-as detalhadamente, destacando aspetos específicos, como duração, tipos de cerimónias e características das celebrações.

Destaco ainda três autores.

O jornalista Carlos Pessoa, no seu livro *O Canto das Ilhas*, destaca um capítulo para os tempos de culto e festas populares onde fala sobre o culto popular do Espírito Santo nos Açores, especialmente na Ilha Terceira. O autor aborda vários aspetos desse culto, incluindo a presença de construções chamadas "Impérios do Espírito Santo," a origem e a continuidade das festas, características das festas, e a relação da igreja com essas celebrações. Pessoa (2019) também descreve a sequência aproximada das festividades, onde é dada uma visão geral das tradições culturais e religiosas associadas ao Espírito Santo nos Açores.

O livro *A festa nos Açores*, de Francisco Martins, aborda as festas do Espírito Santo nos Açores, com foco na Ilha Terceira. Martins (1992) descreve as festas como eventos que procuram garantir a abundância de alimentos e fortalecer solidariedades sociais, envolvendo práticas como a distribuição de alimentos, a figura do "imperador" e a celebração de rituais religiosos. O autor também analisa as mudanças ao longo do tempo nessas festas, destacando a importância da cultura popular e da tradição. Além disso, ele descreve em detalhes as diferentes fases das festas e sua relevância para a comunidade local.

Por fim, importa realçar a tese de doutoramento *Ritos e Cenas: As Personagens do Divino Espírito Santo da Ilha Terceira-Açores*, de Keyla Pereira. Esta tese constitui uma referência essencial, uma vez que Pereira (2017) oferece uma análise abrangente das celebrações do Espírito Santo na Ilha Terceira, abordando a sua origem, contexto cultural, aspetos rituais, teatrais e simbólicos, bem como o papel das pessoas envolvidas nesses eventos.

1.3 Objetivos

O objetivo deste estudo consiste em analisar a evolução das festas do Espírito Santo na ilha Terceira, nas últimas décadas. Pretende-se compreender porque se mantém viva a tradição destas festas, através da análise de questões como a motivação da população, a identidade cultural, as festas e a sua persistência no tempo, e as alterações verificadas.

Partindo da hipótese que houve uma evolução, isto é, mudanças na vivência das festas e na adesão da população, pretende-se caracterizar essas alterações ao nível social e cultural, tendo principalmente em consideração testemunhos de quem as promove e vive, e chegar a conclusões sobre a motivação e o porquê da continuidade da sua existência.

1.4 Conceitos

As festas do Espírito Santo “constituem em grande medida um traço específico da cultura popular portuguesa” (Leal, 1994), sendo um “meio de afirmação da própria identidade” (Mendes, 2001), que indiciam “informações importantes sobre a comunidade e como esta elabora sua ligação com a tradição, identidade, coletividade e pensamento religioso” (Pereira, 2017).

“O Espírito Santo constitui, para a generalidade dos Açorianos, a devoção mais profundamente vincada na alma de todo o povo.” (Fernandes & Fernandes, 2006, p. 92).

Estas festas, quer no seu ponto de partida, quer na sua disseminação, são analisados conceitos como os de “cultura”, “cultura popular”, “povo”, “tradição”, e “identidade”.

A cultura, segundo a UNESCO, deve ser considerada como um conjunto de traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma determinada sociedade e que abrange, para além das artes e letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos e os sistemas de valores, as tradições e as crenças¹.

Para além disso, a cultura conjuga uma grande variedade de dimensões da nossa sociedade, tais como a identidade, as relações sociais, território, política, economia, entre outros (Estrella, 2020).

¹ UNESCO. (2002). *Declaração Universal sobre a diversidade cultural*. <https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20sobre%20a%20Diversidade%20Cultural%20da%20UNESCO.pdf>. Consultado a 6 de outubro de 2023.

O conceito de cultura tem duas vertentes, reconhecidas por Martins (1992), a popular e a erudita. No que diz respeito à cultura popular, Martins (1992) indica que esta é a que a própria experiência do indivíduo no mundo revela, fundamental nos nossos costumes, existindo sempre uma colaboração desconhecida que vem do passado e das nossas origens.

A cultura popular estende-se para além da racionalidade e está repleta de potencialidades imaginativas (Leal, 1994). Este autor define “cultura popular” como:

“(…) um domínio que, mais do que uma racionalidade intrínseca, possuiria sobretudo uma série de virtualidades, largamente imaginárias, para a discussão de questões relacionadas com essa recorrente obsessão da cultura popular portuguesa pela “identidade nacional”” (Leal, 1994, p.16).

Mendes (2001) define a cultura num sentido evolutivo. Define este conceito inicialmente como proveniente do latim *colere*, cujo o significado se traduz em cultivar. Daí evolui para o homem culto, que cultiva o espírito, e posteriormente chega ao conceito de cultura como “ambiente criado, secundário, que as pessoas constroem, caseados no dado originário que é a natureza” (Tylor, 1871, citado por Mendes, 2001). Posteriormente acrescenta a definição do popular, que se centra no que é oposto ao que é oficialmente estabelecido quanto à expressão religiosa. Dada a laicização, o conceito de popular inclui não só os cristãos como também os ateus, agnósticos, sem atividade religiosa, batizados recasados civilmente impedidos de participar noutros atos ditos oficiais, até aos cristãos conscientes e comprometidos, passando por um largo grupo intermédio dos que não participam nas atividades regulares da Igreja, mas afirmam-se cristãos por herança e tradição familiar (Mendes, 2001).

Burke (1989) problematiza também o conceito de cultura popular em separado. O conceito de cultura, segundo este autor é controverso. Inicialmente havia a dicotomia da “alta” e da “baixa”, fazendo-se notar a distinção entre elite e popular. Antes, o termo cultura era usado para se referir à “alta” cultura, contudo, o uso do termo foi ampliado, incorporando a “baixa” cultura, ou cultura popular. Antigamente, o conceito de cultura geralmente estava associado à literatura, à música e à arte.

Atualmente, o conceito de cultura tem um sentido bastante alargado, abrangendo praticamente:

“(…) a quase tudo que pode ser aprendido em uma dada sociedade — como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante. Em outras palavras, a história da

cultura inclui agora a história das ações ou noções subjacentes à vida cotidiana.” (Burke, 1989).

Mas, de quem é a cultura popular? Burke (1989) coloca esta questão por observar a incerteza sobre quem exatamente compunha a cultura popular e quem era considerado "o povo". Para Burke (1989), o conceito de cultura popular está marcado pela “descoberta do povo” dos intelectuais do final do século XVIII e abarca uma multiplicidade de grupos. Em alguns casos, Burke (1989) observa que o povo era definido como todas as pessoas de um país, enquanto que em outros era mais restrito, incluindo apenas as pessoas incultas. O autor propõe a seguinte definição de povo quando define a cultura popular:

“Quanto à cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não oficial, a cultura da não-elite, das “classes subalternas”, como lhes chamou Gramsci. No caso dos inícios da Europa moderna, a não-elite era todo um conjunto de grupos sociais mais ou menos definidos, entre os quais se destacavam os artesãos e os camponeses. Portanto, uso a expressão “artesão e camponeses (ou “povo comum”) para sintetizar o conjunto da não-elite, incluindo mulheres, crianças, pastores, marinheiros, mendigos e os demais grupos sociais.” (Burke, 1989)

Para Burke (1989), desde que o termo esteja a ser utilizado para identificar grupos intranacionais, o “povo” só pode ser delimitado pela negativa, isto é, como abrangendo o conjunto dos não-privilegiados, das não-elites:

“Para os descobridores, o povo par excellence compunha-se dos camponeses; eles viviam perto da natureza, estavam menos marcados por modos estrangeiros e tinham preservado os costumes primitivos por mais tempo do que quaisquer pessoas. Mas esta afirmação ignorava modificações culturais e sociais, subestimava a interação entre campo e cidade, popular e erudito. Não existia uma tradição popular imutável e pura nos inícios da Europa moderna, e talvez nunca tenha existido. Portanto, não há uma boa razão para excluir os moradores das cidades, seja o respeitável artesão ou a “turba” de Herder de um estudo sobre cultura popular.” (Burke, 1989)

A cultura popular está fortemente enraizada nas festas do Espírito Santo, onde não é fácil distinguir onde acaba a Teologia e começa a tradição, uma vez que “a cultura popular atinge o seu expoente máximo emprestando ao rito uma riqueza, a tal ponto vivida, que ultrapassa os quadros conceituais da teorização dos dogmas.” (Carvalho, 1992, p. 303).

No conceito de cultura popular, segundo Martins (1992), o elemento principal que lhe dá autenticidade e alma é a tradição. Para este autor, o folclore “é a cultura popular tornada lei pela tradição.” (Martins, 1992, p. 1). Esta característica destaca como as

práticas culturais, que estão profundamente enraizadas, se podem tornar, e como estas são transmitidas de geração em geração. De acordo com Martins (1992), a tradição desempenha um papel fundamental na cultura popular, onde a tradição é o que lhe confere autenticidade e um senso de identidade.

Coloca-se a questão do que é realmente o conceito de tradição. Hobsbawm (1994) introduz que a ideia de que muitas tradições que consideramos antigas podem, na verdade, ser bastante recentes ou mesmo inventadas. O termo "tradição inventada" deste autor abrange tanto tradições completamente inventadas e formalmente institucionalizadas quanto aquelas que surgem e se estabelecem rapidamente num período limitado de tempo. A essência da tradição inventada é que esta procura estabelecer continuidade com um passado histórico, mesmo que de maneira artificial, em resposta às mudanças e inovações do mundo moderno.

A "invenção das tradições" é um processo que envolve formalização, ritualização e referência ao passado, destacando como as tradições são criadas, modificadas e adaptadas ao longo do tempo para atender às necessidades das sociedades em evolução (Hobsbawm, 1994). Isto é, o estudo dessas tradições é fundamental para compreender as relações humanas com o passado e a coesão social.

Existem conceitos associados a tradição, como costume e rotina ou convenção, sendo que Hobsbawm (1994) enfatiza as diferenças entre estes.

Analisemos o conceito de tradição e o conceito de costume. Por um lado as tradições têm como característica principal a invariabilidade. Elas impõem práticas fixas, normalmente formalizadas, que envolvem repetição. Por outro lado, os costumes têm a capacidade de mudar até certo ponto, embora sejam influenciados pela necessidade de parecerem compatíveis com o passado. A decadência do costume pode afetar a tradição associada a ele. (Hobsbawm, 1984).

Relativamente à dicotomia tradição, rotina ou convenção, estas últimas, de acordo com Hobsbawm (1994), não possuem uma função simbólica ou ritual importante, embora possam adquiri-la eventualmente. Enquanto as tradições têm uma dimensão ideológica e ritualística, as convenções são mais técnicas na sua função e justificação.

Podemos identificar, como nota Hobsbawm (1984), três categorias de tradições inventadas: aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de

admissão a um grupo; aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade; e, aquelas cujo propósito principal é a socialização e a inculcação de valores e padrões de comportamento. Hobsbawm (1984) sugere que as tradições do primeiro tipo, relacionadas com a coesão social, são as que mais prevalecem, sendo as outras funções frequentemente derivadas dessa identificação com uma comunidade ou instituição.

As festas do Espírito Santo tanto podem incluir-se nas tradições do primeiro tipo, por simbolizarem a coesão social e a pertença a um grupo, como se incluem no último, uma vez que promovem a socialização de quem as celebra e estabelecem valores e padrões de comportamento na comunidade.

Enquanto tradição festiva, a expressão das festas do Espírito Santo nos Açores, desde a sua música, trajes, alimentação, entre outros, acabam por definir a identidade de cada região, lugar ou ilha (Vieira, 2019). Estes fatores, indicados por Vieira (2019), identificam a imagem e a identidade de uma população que perdura no tempo e os distingue dos restantes, sendo que ao serem revividos anualmente, reforçam a sua presença e relevância. As festas do Espírito Santo foram fundamentais para a reconfiguração transnacional das relações sociais, nos Açores, entre as décadas de sessenta e oitenta (Leal, 2017a).

O conceito de identidade, de forma simplificada, traduz-se no “conjunto traços e características que diferenciam um indivíduo, ou grupo de indivíduos, dos demais.”². Relativamente ao sentido de identidade de uma ilha, este caracteriza-se por ser uma região distinta, com identidade própria, moldada por fatores naturais e sociais, onde se cria uma personalidade única e uma forma particular de existência (Vieira, 2017). Segundo Vieira (2017), a identidade e a regionalidade manifestam-se no seu discurso regional, que constrói e identifica uma região através da sua língua, dialetos, usos, tradições e costumes, que fazem a essência da regionalidade.

O impacto das festas do Espírito Santo na identidade regional é apontado por Silva (2019) e Nunes (2019). “O culto ao Espírito Santo é algo indissociável da identidade açoriana.” (Silva, 2019, p. 227). A diversidade de vivências dos açorianos sobrevivente por ritos ancestrais de oralidade encontram na Festa do Divino Espírito Santo “o seu pulsar, a cara da sua identidade. Sem dúvida, a celebração do Espírito Santo é a maior

² Conceitos do Mundo. (2022). *Identidade*. <https://conceitosdomundo.pt/identidade/>. Consultado a 20 de setembro de 2023.

referência identitária da presença açoriana em qualquer parte do Mundo.” (Nunes, 2019, p. 220).

Tais afirmações levam-nos a refletir sobre a importância das festas do Espírito Santo na vida e identidade do povo açoriano. Como sublinha Nunes (2019), estas têm importância na formação do corpo social açoriano e identificam de forma extraordinária a vida cultural das sociedades, estando a sua presença associada a um passado distante, a uma geografia de saudade e a uma história comum. A relevância das festas, também se prende com o aspeto da coesão da comunidade e na sua própria definição. Como afirma Leal (1994):

“A importância deste vínculo entre Impérios, tempo e relações sociais deve ser tanto mais sublinhada quanto uma persistente tradição em Antropologia Social tem interpretado as características sociológicas das cerimónias cíclicas de acordo com uma caracterização de contornos funcionalistas da vida social nas comunidades camponesas. Essas comunidades seriam caracterizadas por uma espécie de deficit crónico de coesão e o papel das cerimónias cíclicas em particular e do ritual em geral seria justamente o de injectar coesão e ordem na estrutura social.” (Leal, 1994, p.68)

Em última análise, segundo Pereira (2017), podemos compreender a festa considerando a sua importância na manutenção do ritual através dos procedimentos que atualizam os valores do rito. Ao preservar os mesmos princípios desde a sua origem enquanto celebração, a festa renova a sua própria história e revitaliza a influência do seu modelo ritual-social. No contexto das celebrações em honra do Espírito Santo, os princípios base assentam na caridade e solidariedade, expressas na troca de bens, entre os membros da comunidade local (Pereira, 2017).

1.5 Fontes e metodologia

No decorrer deste estudo, procedi inicialmente à revisão da literatura existente sobre o tema, uma vez que, como defende Bryman (2012), este tópico é crucial no desenvolvimento do projeto de pesquisa, porque permite identificar o que já é conhecido acerca do tópico em estudo, principais contributos, e que tipos de pesquisa foram aplicadas às suas análises.

A definição da problemática parte da revisão da literatura existente, uma vez que esta, muitas vezes, desempenha um papel fundamental na formulação de projetos de pesquisa,

indica o estado do conhecimento sobre um tópico e é uma fonte ou estímulo para ideias, tanto substantivo e metodológico (Veal, 2014). A revisão culmina num resumo e análise crítica das leituras realizadas, de forma a fornecerem um enquadramento histórico das festas do Espírito Santo. Esta primeira etapa da recolha de informação foi vital para os subsequentes métodos de pesquisa a serem utilizados.

A preocupação central deste projeto consiste na relação da religião com a cultura popular. Para um melhor entendimento desta relação foi selecionado o método do estudo de caso, pois este permite perceber um fenómeno ao estudar exemplos (Veal, 2014). Neste caso o fenómeno é a relação religião-cultura popular e o caso de estudo são as festas do Espírito Santo na ilha Terceira.

Por se tratar de uma festa de cariz popular e centenário, que tem vindo a sofrer alterações, senti que “era preciso guardar sinal dessa experiência antiga, tão diferente da nova.” (Poirier et al, 1999). De forma a tornar mais rica a minha pesquisa sobre o tema, e adicionar a perspectiva que a documentação pode nem sempre conceder, recorro às histórias de vida como elemento da minha pesquisa, uma vez que “a história de vida pode, pois, constituir um instrumento essencial da pesquisa em ciências humanas.” (Poirier et al, 1999, p. 92).

Para uma maior facilidade de análise comparativa, pretendi fazer entrevistas diretas de acordo com as linhas de análise provenientes da revisão de bibliografia realizada. Optei pela realização deste tipo de entrevistas, pois estas promovem uma “situação na qual o inquiridor dirige ativamente a entrevista, põe numerosas perguntas diretas sobre um tema restrito e incita a cobrir, com as respostas, a totalidade da informação disponível” (Poirier et al, 1999), para proceder a uma análise comparativa dos resultados.

A escolha deste método é fundamentada pela sua adequação a análises cujos objetivos sejam o estudo de práticas e acontecimentos com que os atores se vêm confrontados em relação ao seu sistema de valores, as suas referências normativas e as suas interpretações de situações (Quivy & Campenhoudt, 1992).

Subsequentemente, segue-se a escolha de quem recolher as histórias orais. Poirier et al (1999) defende que as pessoas mais interessantes “são precisamente aquelas por quem ninguém se interessa – o “homem qualquer”, ou “médio”, de quem se pode pensar que é o mais representativo dos modelos culturais da sociedade.” Sendo assim, a escolha dos entrevistados tem em conta a participação ativa ou até passiva nas festas, mas principalmente o seu contacto contínuo com as mesmas.

O grupo de entrevistados divide-se em dois grupos, a dos leigos e a do clero. Ambos os grupos dão o seu contributo enquanto participantes leigos das festas, mas decidi adicionar a perspectiva do clero, relativamente ao papel da Igreja nestas festas. Embora se trate de uma festa popular e autónoma da Igreja, como será posteriormente explicado, esta tem na sua essência o culto e a religiosidade.

Contudo, ao realizar as entrevistas, estas tornaram-se semidiretivas, visto que diversas das questões que estavam previstas acabaram por ser respondidas em questões anteriores. Em conjunto com a análise comparativa das entrevistas, “relevando extractos dos seus relatos, justapondo opiniões, opondo narrativas e completando umas pelas outras.” (Poirier et al, 1999, p. 140), que constitui o momento central de um estudo etnossociológico (Bertaux, 2020), pretendo cruzar os pontos de vista dos entrevistado com os explorados na revisão da bibliografia.

1.6 Limites e potencialidades

É de notar que este estudo surge da minha perspectiva e de observação pessoal adquirida através da minha experiência, resultante da minha forma de me relacionar com as pessoas e do meu modo de observar as coisas.

Uma limitação que se colocou foi a bibliografia disponível. Isto prende-se com o facto de que grande parte foram da biblioteca pessoal de um conhecido. Por se tratar de um assunto específico dos Açores, grande parte da sua bibliografia encontra-se somente disponível ou para compra, ou na Biblioteca Pública e Arquivo Regional dos Açores, nomeadamente São Miguel, sendo que não consegui ter acesso a estes.

Devido ao limite de tempo, não consegui realizar um vasto número de entrevistas que permitiriam enriquecer a minha dissertação.

Por outro lado, esta investigação cria novas possibilidades de pesquisa, uma vez que as alterações da tradição das festas do Espírito Santo tiveram como grande impulsionador a emigração, e esta viagem, assim como o ponto de vista dos emigrantes, as diferenças por eles notadas, poderão ser objeto de futuros estudos sobre a temática.

Capítulo 2 – Percursos das festas do Espírito Santo

2.1 A génese em Portugal

Sendo o Espírito Santo uma personagem integrante da, tão bem conhecida pela Igreja, Santíssima Trindade, composta ainda pelo Pai (Deus) e pelo Filho (Cristo), é considerado um mistério esotérico, constituindo-se num dos “dogmas mais importantes do sistema religioso cristão.” (Pereira, 2017).

Indo além da fé que lhe é dedicada, o Espírito Santo possui um culto celebrativo misterioso e quase esotérico (Sousa, 2013), cujas raízes remontam a tempos imemoriais. A celebração deste culto tem o seu expoente máximo no evento considerado um dos mais importantes do calendário cristão conhecido como “Pentecostes”, que acontece cinquenta dias após o domingo de Páscoa.

A essência destas festas é evidentemente cristã, porém estão associados rituais pagãos, apropriados pela religião popular (Sousa, 2013).

“A festa de Pentecostes dava lugar (...) às manifestações comunitárias de regozijo e alegria quando as pessoas do campo juntavam-se na cidade mais próxima indo em procissão, cantando e dançando. Sendo assim, a celebração do dia de Pentecostes caracteriza-se como uma festa cristã comunitária, um sinal de partilha e de compromisso na missão de reunir o mundo em torno da mensagem de Cristo” (Marques, 2000, citado por Sousa, 2013).

A origem da celebração do Espírito Santo, sob forma de festa religiosa, remonta ao Portugal do século XIII, na qual se destacam figuras como o rei D. Diniz e a rainha Santa Isabel (Pereira, 2017). Leal (1994) situa a sua origem, de acordo com narrativas eclesiásticas seiscentistas, nos finais do século XIII inícios do século XIV, distinguindo não só o casal dos monarcas, como também a ação dos franciscanos no impulso do culto ao Divino.

As obras mais antigas referente às festas do Espírito Santo em Portugal são: *A História Eclesiástica da Igreja de Lisboa*, 1642, de D. Rodrigo da Cunha; *A História da Ordem dos Frades Menores de São Francisco da Província de Portugal*, 1656, de Frei Manuel da Esperança; e a *Monarquia Lusitana*, 1650, de Frei Francisco Brandão (Fernandes & Fernandes, 2006).

As narrativas seiscentistas, acima referidas por Leal (1994), tentam dar resposta às discrepâncias entre as versões sobre o surgimento das festas em louvor do Espírito Santo

em Portugal. Leal (2017a) afirma que a resposta a esta pergunta é difícil de encontrar. Existem diversas narrativas sobre o seu surgimento, mas três delas são frequentemente mencionadas.

A primeira narrativa, e a mais conhecida, referida por Leal (2017a, pp. 26-30), intitulada por este como “Narrativa Isabelina”, sugere que as festas do Espírito Santo tiveram origem em Alenquer como resultado de iniciativa da Rainha Santa Isabel (1271-1336). Existem várias versões desta narrativa, com variações em relação aos motivos que levaram a rainha a instituir o culto e ao conteúdo ritual das primeiras celebrações. “A mais antiga versão desta narrativa remonta ao século XVII, que advém da mais precoce História Eclesiástica de Lisboa.” (D. Rodrigo da Cunha, 1642, p. 122, citado por Leal, 2017a, p. 26). Outros eclesiásticos produziram novas versões desta narrativa, retomadas posteriormente por dois destacados etnólogos portugueses, Adolfo Coelho e Teófilo Braga (Leal, 2017b).

Assim, esta narrativa tornou-se o mito de fundação das festas do Espírito Santo, adotado por etnógrafos e historiadores, e adaptado por participantes das festas em várias localidades. Através de novas fontes e da tradição oral, “essa narrativa foi também retomada de forma generalizada pelos protagonistas das festas, que acrescentaram (ou substituíram) às variantes sábias da narrativa, variantes populares.” (Leal, 2017b). As diversas variantes populares relacionam a origem das festas do Espírito Santo a eventos como o “milagre das rosas”, a promessa feita pela Rainha Santa Isabel durante conflitos militares entre seu marido e seu filho, a promessa de coroar o homem mais pobre como rei por um dia e a distribuição de comida aos pobres (Leal, 2017a). Além disso, Leal (2017a) afirma que as razões da circulação da narrativa “isabelina” incluem a necessidade de fornecer às festas uma genealogia que as enraíze na longa tradição e a sua capacidade de explicar aspetos da festa que, sem essa referência, seriam mais difíceis de compreender.

Porém, esta narrativa, embora seja a mais utilizada para explicar a origem das festas do Espírito Santo em Portugal, dando uma centralidade a Alenquer, existem aspetos divergentes que tornam esta narrativa menos segura. Lopes (2004) afirma:

“(…) tal tradição de que a Rainha Santa Isabel é a precursora do culto ao Espírito Santo é contrariada pela existência de documentação mais antiga, que se refere à existência de modelos culturais desta natureza anteriores, ligados intimamente às

confrarias do Espírito Santo e cujos dados, apesar de escassos, parecem, se tomados em termos globais, irrefutáveis.” (Lopes, 2004, citado por Sousa, 2013).

Uma outra narrativa associada à origem das festas do Espírito Santo em Portugal, a segunda narrativa, é a “narrativa Franciscana”, que foi proposta pelo historiador Jaime Cortesão (Leal, 2017a). Esta sugere que a origem e disseminação das festas do Espírito Santo foi impulsionada pela Ordem Franciscana, em particular os chamados franciscanos espirituais. Segundo Jaime Cortesão, a ordem franciscana sofreu influência dos escritos do abade calabrês Joaquim de Fiore, sendo que este propunha a chegada de uma Idade do Espírito Santo, dividindo a história do mundo em três idades: a Idade do Pai, a Idade do Filho e a Idade do Espírito Santo (Leal, 2017b). A Idade do Espírito Santo, proposta por Jaime Cortesão, assume um carácter profético-messiânico, contraponto a autoridade civil e o laicismo com a autoridade da Igreja e das ordens religiosas. (Leal, 2017a). Os franciscanos espirituais estabeleceram alianças com príncipes e monarcas, como D. Dinis, interessados em enfraquecer o poder da Igreja em favor da autoridade civil. De acordo com Cortesão, as festas do Espírito Santo em Portugal não foram fundadas pela rainha Isabel de Aragão, mas sim pelos franciscanos espirituais. A Coroa portuguesa apoiou o culto do Espírito Santo, o que contribuiu para a sua rápida disseminação em Portugal e nas colónias portuguesas (Leal, 2017b).

Por fim, a terceira narrativa abordada por Leal (2017a) foi proposta por Agostinho da Silva, a “narrativa Joaquimita”, ou também designada por “narrativa agostiana” por Leal (2017a). A “narrativa Joaquimita” foi baseada na narrativa anterior, a “franciscana”, uma vez que também enfatiza a chegada da Idade do Espírito Santo, onde é imaginado um tempo de abundância e igualdade social. Porém Agostinho da Silva foi mais longe que Jaime Cortesão (Leal, 2017a). Agostinho da Silva propôs a leitura das festas do Espírito Santo como expressão única dos traços de Portugal medieval, e argumentou que a própria estrutura ritual das festas representava uma visão de um mundo futuro. Para Silva, as festas não eram apenas um evento histórico ou etnográfico, mas uma representação do Império que estava por vir. (Leal, 2017b).

As três narrativas têm pontos de convergência e divergência (Leal, 2017a). O ponto em comum, como aponta Leal (2017a), é que todas as três narrativas destacam o papel dos Franciscanos na origem das festas do Espírito Santo. Contudo, não fazem referência ao papel das comunidades no que diz respeito à circulação das festas. A narrativa "Isabelina" enfatiza o papel da Rainha Isabel, mas enfrenta desafios devido a referências

ao culto do Espírito Santo em Portugal antes do seu tempo. As narrativas "Franciscana" e "Joaquimita" divergem da documentação histórica e apresentam inconsistências em termos de geografia e origens do culto do Espírito Santo.

Assim, as origens permanecem incertas. Mesmo reconhecendo estas incertezas, a essência do culto e do evento remonta ao mesmo: “este evento simboliza a presença do Espírito Santo entre os homens, ao mesmo tempo em que anuncia a expansão do catolicismo no mundo” (Pereira, 2017).

2.2 Viagens por territórios portugueses e diáspora

As festas do Espírito Santo fazem parte de processos de circulação de ideias e de formas culturais, “através dos quais o Atlântico se formou como um dos mais importantes sistemas regionais associados à globalização” (Leal, 2017a, p.57). Daí a expressão adotada pelo autor, e também uma frase muito utilizada, “a cada canto seu Espírito Santo”.

Embora se verifique a sua origem em Portugal continental, “as Festas do Espírito Santo irradiaram ainda, a partir do continente, para territórios povoados e colonizados pelos portugueses.” (Leal, 1994, p. 15). A sua difusão deu-se para os territórios portugueses, como a Madeira e os Açores e posteriormente para a diáspora portuguesa, como são exemplos o Brasil, Canadá e Estados Unidos.



Figura 2.1: Mapa das viagens das festas do Espírito Santo

Fonte: Leal, J. (s.d.). *Festas. Um ritual viajante*. <https://festasdoespiritosanto.pt/mapas/>. Consultado a 27 de setembro de 2023.

A partir do século XVI, assistiu-se a um declínio das festividades em Portugal continental, e nos dias de hoje verifica-se o seu quase desaparecimento (Leal, 1994; Maciel, 2019; Mendes, 2001; Pereira, 2017;).

“De um modo geral, as festas do Espírito Santo tiveram um ciclo de implementação, expansão e decadência na história de Portugal. A sua fase de implementação constituiu-se (possivelmente) no início do século XIII até a implantação do modelo “império” em Alenquer, no início do século XIV. A fase de expansão foi no início do século XIV até meados dos séculos XVI e, por fim, a fase de decadência vai do final do século XVI até nossos dias, com maior ou menor intensidade e linearidade.” (Lopes, 2004, citado por Sousa, 2017).

As razões históricas e socioculturais que contribuíram para o declínio do culto ao Espírito Santo na Europa e mesmo em Portugal continental foram delineadas por Lopes (2004), citado por Sousa (2013). Entre as principais causas, Lopes (2004) destaca: a ação

da Inquisição a partir de 1540, que restringiu a liberdade religiosa e perseguiu práticas consideradas heréticas, afetando o culto ao Espírito Santo; a influência do Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563, que promoveu reformas na Igreja Católica, o que moldou as práticas religiosas e enfatizou outros cultos em detrimento do Espírito Santo; o modelo festivo do culto ao Espírito Santo, centrado numa divindade abstrata e etérea, que gerava relações devocionais menos intensas e duradouras em comparação com outros cultos mais enraizados; a concorrência com outros cultos, especialmente os relacionados com os santos, que já estavam estabelecidos há mais tempo, eram mais intensos na devoção e tinham raízes culturais profundas nas comunidades locais; e as festas do Espírito Santo dependiam, em grande parte, de apoio e patrocínio institucional, e, quando esses apoios diminuía ou desapareciam, as condições para a continuidade dessas festas eram prejudicadas.

Contudo, estas festividades mantêm-se em alguns territórios nacionais, como são exemplo Tomar, Sintra, e os territórios insulares, onde “as Festas do Espírito Santo guardam intacta a sua relevância” (Leal, 1994).

“Com os Descobrimentos, viajaram nas naus e adaptaram-se a ilhas e continentes distantes (...). Assim, hoje, é nas ilhas dos Açores, no Brasil e na região de Tomar e de Sintra que o culto e o império do Espírito Santo mais sobreviveram e se encontram enraizados, tanto religiosa como socialmente, tendo até fortificado outros ciclos de festas, corporizando a espiritualidade e fraternidade primordial, consubstanciada não só nas vivências religiosas, como os Impérios, os tabuleiros, os bodos, mas também em outras formas próprias de manifestação artesanal, artística, etnográfica e arquitetónica.” (Fernandes & Fernandes, 2006, p. 90).

Em Tomar, o culto do Espírito Santo é celebrado na forma da Festa dos Tabuleiros (Anacleto-Matias, 2010). Esta festa, também conhecida como Festa do Divino Espírito Santo, é uma das mais antigas celebrações culturais e religiosas do país. As suas origens remontam às festas pagãs de colheita em homenagem à deusa Ceres, que foram cristianizadas com a criação da Congregação do Espírito Santo (Anacleto-Matias, 2010).

Já em Sintra, as Festas do Divino Espírito Santo como tradições, “que têm lugar na capela que fica no topo da aldeia, e que remontam ao reinado de D. Dinis e à rainha Santa Isabel.”³

³ Câmara Municipal de Sintra. (2022, Janeiro). *Sintra em destaque com a tradição da aldeia do Penedo*. <https://visitsintra.travel/pt/info/noticias/sintra-em-destaque-com-a-tradicao-da-aldeia-do-penedo> Consultado a 27 de setembro de 2023.

Como observamos no mapa da figura 2.1, anteriormente apresentado, o culto partiu de Portugal continental, para as ilhas e posteriormente para a diáspora. O caso dos Açores será desenvolvido no capítulo seguinte, pelo que não será agora aprofundado. Contudo, é de notar a influência açoriana no transporte do culto para o Brasil, e para os Estados Unidos e Canadá.

O culto ao Divino Espírito Santo é celebrado em várias regiões do Brasil, desde o Maranhão até ao Rio Grande do Sul, bem como em São Paulo e Goiás. Essas celebrações envolvem, à semelhança dos Açores, bandeiras, coroas, foliões, novenas em latim e coleta de donativos. No estado de Santa Catarina, o culto ao Divino Espírito Santo foi trazido pelos primeiros açorianos que se estabeleceram na região. No entanto, as festas do Espírito Santo no Brasil têm uma característica diferente do culto açoriano. O Brasil não mantém os "bodos" devido à proclamação da República, que separou a igreja do Estado. (Anacleto-Matias, 2010)

Já na América do Norte, as festas do Espírito Santo foram recriadas por imigrantes açorianos em duas fases⁴. Segundo Leal, a primeira fase ocorreu entre 1870 e 1930, quando os primeiros imigrantes açorianos se estabeleceram nos EUA, principalmente na Califórnia e na Nova Inglaterra, e no Canadá. Inicialmente, eles estavam envolvidos na caça à baleia, mas depois migraram para outras atividades, como agricultura, criação de gado e trabalho na indústria têxtil.

O movimento de recriação das festas começou na Califórnia em 1865 e espalhou-se rapidamente, com um aumento significativo no número de festas entre 1910 e 1930. Na Nova Inglaterra, as festas começaram em 1877, e o crescimento foi mais lento, mas ainda assim constante.⁵

A Grande Depressão dos anos 1920 interrompeu temporariamente a imigração açoriana para os EUA, e a partir dos anos 1930, com o declínio da primeira onda migratória açoriana, o número de festas diminuiu, especialmente na Califórnia. No entanto, a segunda onda migratória açoriana a partir dos anos 1960 reavivou o movimento

⁴ Leal, J. (s.d.). *Festas. Um ritual viajante*. <https://festasdoespiritosanto.pt/mapas/>. Consultado a 27 de setembro de 2023.

⁵ Idem.

de recriação das festas. A Nova Inglaterra experimentou um aumento mais significativo no número de festas do que a Califórnia nesse período.⁶

No Canadá, as primeiras festas do Espírito Santo foram criadas na década de 1960, com um aumento substancial nas décadas de 1970 e 1980. Após 1990, quando a emigração açoriana diminuiu, o movimento de recriação de festas tornou-se mais residual.⁷

Atualmente, existem cerca de 290 festas do Espírito Santo na América do Norte, sendo 202 nos EUA e 87 no Canadá. Além disso, há festas no Havaí e na Bermuda. Estas festas são uma parte importante da cultura açoriana na diáspora e continuam a ser celebradas por descendentes de açorianos na América do Norte.⁸

Em suma, as festas do Espírito Santo são celebrações que contribuíram para a formação do Atlântico como um sistema regional significativo na globalização. As festas incorporam conexões culturais através do Atlântico, onde se transformaram numa “verdadeira ponte cultural sobre o Atlântico” (Maciel, 2019, p. 250). Essas celebrações perduraram ao longo da história, adaptando-se a diferentes territórios e incorporando significados religiosos e sociais, e foi sobretudo nos Açores, como aponta Maciel (2019), que se assistiu a um maior e mais importante desenvolvimento destas festividades.

⁶ Leal, J. (s.d.). *Festas. Um ritual viajante*. <https://festasdoespiritosanto.pt/mapas/>. Consultado a 27 de setembro de 2023.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

Capítulo 3 – A chegada e a afirmação nos Açores

3.1 A chegada e a afirmação nos Açores

As festividades em honra ao Espírito Santo vieram para os Açores com os primeiros povoadores (Anacleto-Matias, 2010; Fernandes & Fernandes, 2006; Leal, 1994; Maciel, 2019; Mendes, 2001). Segundo Leal (2004) citado por Sousa (2013), nos Açores o povoamento fez-se essencialmente sob a ação cristianizadora dos franciscanos. Desde a sua origem, as festas do Espírito Santo tomaram lugar um de destaque no arquipélago dos Açores, mantendo-se até aos dias de hoje “com a força inicial, quiçá maior” (Maciel, 2019).

O povoamento dos Açores faz-nos recuar ao ano de 1439, ano em que data o primeiro documento oficial sobre o povoamento dos Açores, a Carta Régia de 2 de Julho de 1439, e, como nota Pessoa (2019), o alvará da primeira irmandade, da Santa Casa da Misericórdia de Angra é de 1491. Assim podemos, então, situar o início da presença deste traço cultural nos Açores, em meados do século XV.

“É no âmbito da expansão marítima que o culto chega às ilhas dos Açores, novamente com os Franciscanos como protagonistas. Estes terão vindo nas primeiras levas de colonos e posteriormente, tendo exercido uma importante ação catequizadora durante a sua permanência no arquipélago. Gaspar Frutuoso diz-nos que o primeiro ato religioso celebrado nos Açores foi uma missa em honra do Divino Espírito Santo, na ilha de Santa Maria, o que denuncia a presença do culto desde os primórdios da ocupação do arquipélago.” (Silva, 2019, p. 229).

Chaves (2017) considera que a dinâmica religiosa foi fundamental para a construção de espaços, hábitos e devoções no espaço geográfico dos Açores. Esta noção de religião nos Açores é um caso particular onde a religiosidade tem sido um fator precursor do processo identitário dos portugueses, cuja vivência pessoal, de algum modo, “influenciou a espiritualidade cristã de vários territórios por estes tutelados, ao longo dos processos de descoberta e expansão do Império Português no Período Moderno da nossa história.” (Chaves, 2017, p. 171). Martins (1992) explica que, nos Açores, as celebrações estão intrinsecamente ligadas a motivações sociorreligiosas, sendo que os ciclos festivos ocorrem em honra de santos, datas ou eventos de grande relevância social. A presença de uma divindade é permanente nas manifestações da cultura popular, nas festas e procissões, que lhe são características (Martins, 1992; Mendes, 2001).

O culto ao Espírito Santo nas tradições dos Açores, uma vez que este ganhou uma forte popularidade devido: a princípios de igualdade, que possibilitam que cada membro da comunidade seja coroado como imperador; ao apoio oferecido às comunidades desfavorecidas e isoladas, que estão ligadas aos ciclos da terra; e, além disso, a sua rápida disseminação pode ter sido impulsionada pelo facto de que a gestão e o uso dos impérios são conduzidos pelas próprias comunidades de forma independente das estruturas da Igreja Católica (Pessoa, 2019).

Observamos que a insularidade, característica dos açorianos, reforçou a fixação destas festas desde a sua chegada ao arquipélago. A insularidade, definida por Graça Alves (2014) citada por Chaves (2017), é um reflexo da ligação entre o homem e a terra, cuja presença do sagrado ou de uma divindade é muito comum nas diversas manifestações culturais que envolvem a insularidade. Como realça Maciel (2019), nos Açores estas festas foram ganhando força, de tal forma que se tornaram as principais, sendo que não há “localidade por mais pequena e pobre que fosse ou por diminuta escassez de habitantes que não as celebrasse/celebre com pompa e circunstância.” (Maciel, 2019, p. 249).

Sendo uma característica tão emblemática dos Açores, são colocadas hipóteses para a permanência das festas do Espírito Santo no arquipélago dos Açores, por Irene Blayer (2010), ao citar Enes (1996). Em primeiro lugar, é colocada a hipótese da continuidade das festas devido ao carácter religioso do povo açoriano, que procuraria no Espírito Santo um protetor contra os frequentes tremores de terra que se fazem sentir por todo o arquipélago. Contudo, Enes (1996) nota que esta hipótese pode mostrar-se insuficiente para responder à questão inicialmente colocada, pelo que avança com outras ideias.

Existem em abundância no arquipélago os elementos materiais (trigo, carne e vinho) necessários à realização das festa, que podem ser consumidos num ato coletivo que é também de redistribuição.

Embora se tenha verificado no século XVI a perseguição destas festas por parte da Igreja, estas resistiram à sua extinção, sendo que nos séculos posteriores o clero adotou uma atitude permissiva que as incorporou como valores da tradição popular.

Outro elemento histórico que influencia esta tradição popular são as invasões filipinas. As festas assistiram a um período de maior perseguição nesse tempo, e principalmente a ilha Terceira resistiu por mais tempo a essa dominação e perseguição, o

que enraizou ainda mais a festa e talvez explique a razão pela qual esta é mais popularizada na ilha Terceira.

“A defesa da permanência das festas reveste também a forma de uma resistência contra a dominação política e de afirmação da liberdade do povo para prosseguir com as suas tradições.” (Enes, 1996, citado por Blayer, 2010).

Por fim, o elemento da saudade pode também ter contribuído para a permanência das festas. No final do século XIX e início do século XX, fazia-se sentir uma crise económica por todo o arquipélago, o que levou a uma onda de emigração que desempenhou um papel importante na manutenção da festa. Como referido anteriormente, aqui encontra-se de novo o “elo de ligação” que os primeiros povoadores encontraram ao trazerem as festas do Espírito Santo para os Açores. Neste caso, assistimos já aos habitantes dos Açores a levarem consigo esta tradição popular para a diáspora, de modo a terem não só um pedacinho de casa consigo, mas também, numa perspetiva de fé, por todas as promessas feitas ao Divino, na busca de uma vida melhor.

Em suma, a permanência das festas do Espírito Santo nos Açores é um fenómeno multifacetado que envolve não apenas a fé religiosa do povo açoriano, mas também uma série de fatores históricos e culturais.

3.2 Características das festas

Sendo estas festas comuns a todo o arquipélago açoriano, embora exista diversidade de rituais, é possível identificar aspetos nucleares comuns das celebrações.

3.2.1 Duração, sequência e rituais das festas

O primeiro aspeto comum é a duração das festas. Em todo o arquipélago as festas ocorrem ao longo das oito semanas que medeiam o domingo de Páscoa e o domingo da Trindade (Fernandes & Fernandes, 2006; Leal, 1994; Martins, 1992; Mendes, 2001; Pereira, 2017; Pessoa, 2019).

Martins (1992) explora o contexto temporal das festas nos Açores e porque esse período é propício para a realização dessas celebrações. Ele observa que as festas ocorrem na Primavera, um momento de exuberância na natureza, quando as ilhas oferecem a promessa incerta de uma colheita abundante de frutas e de vegetais, assim como se regista uma atenção aos animais. Essas festas também seguem-se ao período de inverno, durante o qual a escassez de alimentos era uma preocupação real, especialmente para os menos privilegiados. Assim, era crucial garantir a presença de alimentos básicos, como o pão, a carne de bovino e vinho. Tudo isto levava à utilização de mitos ancestrais e ritos tradicionais durante as celebrações, destinados a afastar qualquer ameaça de má colheita. (Martins, 1992).

Durante as oito semanas que compreendem estas festas, são realizadas “funções”, cuja duração se estende por uma semana (Pessoa, 2019). Pessoa (2019) nota que estas funções são promovidas pela irmandade ou por um particular, ao abrigo da promessa, sendo que estes são os únicos responsáveis pelo culto e tudo o que lhe está associado.

As funções são constituídas por um conjunto de rituais, que são colocados em prática pelos seus promotores. Os rituais das festas do Espírito Santo, como explica Leal (1994), são caracterizados, em primeiro lugar, por uma série de cerimónias de natureza religiosa: terços e outros ritos em homenagem à Coroa, procissões, desfiles e afins. Entre esses rituais, o autor destaca a coroação como o “seu ponto culminante” (Leal, 1994, p.46). Um ato solene em que a Coroa é colocada sobre o imperador, executado pelo padre no final da missa da coroação.

“Como vimos, esta cerimónia chave do Império consiste na imposição solene da Coroa ao imperador e tem lugar no termo da missa — que é por isso chamada de missa da coroação — sendo realizada pelo padre, de acordo com um cerimonial fixado eclesiasticamente desde finais do século passado(...)”. (Leal, 1994, p. 46).



Figura 3.1: Coroação no final da missa na freguesia de Agualva, Ilha Terceira, 28 de maio de 2023

Autoria: Dino Sebastião

Simultaneamente, a sequência dos rituais dá grande importância a várias refeições, doações e distribuições de alimentos. De todos os momentos das festas, os mais constantes envolvem a partilha de alimentos (Leal, 2017a). Esses alimentos cerimoniais são pratos ou refeições de composição especial, que, embora possam ser simples, seguem uma receita obrigatória profundamente enraizada na tradição.

De acordo com a definição proposta por Ernesto Veiga de Oliveira, estes alimentos podem ser encarados como alimentos cerimoniais:

“(…) manjares, pratos ou refeições de composição especial que pode ser muito singela, mas que reveste quase sempre o aspecto de uma prescrição obrigatória de fundo rigorosamente tradicional (...) e de aceitação geral” (Veiga de Oliveira, 1984m, p. 205, citado por Leal, 1994, p. 40).

Sendo assim, esta ementa é constituída por pratos específicos, dos quais vou enumerar os mais importantes com base nos escritos de Ilhéu (1980), referidos por Fernandes & Fernandes (2006), sendo que estão descritos em maior detalhe no anexo B.

O elemento principal que não pode faltar na ementa de uma função é, como o próprio nome o indica, a sopa do Espírito Santo. Esta sopa é “feita com caldo de carne, temperado com sal, louro, hortelã, pau de cravo, pimenta e molho de alcatra. Leva pão (pão d’água) cortado à faca em grossos nacos, e algumas folhas de repolho.” (Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 68). Em conjunto com esta sopa, é servido um cozido com “grandes postas de carne de vaca, galinha (uma para cada panelão), sangue, fígado, toucinho, repolho aos quartos e por vezes batata.” (Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 68).



Figura 3.2: Sopa do Espírito Santo e cozido

Fonte: Medeiros, M. (2016, maio 15). Sopas do Espírito Santo. *Tá consolando*. <http://taconsolando.blogspot.com/2016/05/sopas-do-espírito-santo.html> Consultado a 5 de outubro de 2023.

O segundo prato servido nas funções, conhecido como um cozinhado típico açoriano, é a alcatra, cuja carne passada em sal e vinho branco é confeccionada em forno de lenha ou a fogo direto, num alguidar especial de barro cozido, o chamado “alguidar de alcatra”. (Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, pp. 68-69). Este prato é acompanhado de pão de leite ou massa sovada e o característico vinho de cheiro.



Figura 3.3: Alcatra em forno de lenha

Fonte: Alcatra à Moda da Terceira. (s.d.). <https://byacores.com/alcatra-moda-terceira/>. Consultado a 5 de outubro de 2023.

Leal (1994) enfatiza a conexão entre rituais cíclicos específicos no cenário etnográfico europeu e as práticas cerimoniais de circulação de alimentos, uma vez que isto é algo recorrentemente observado. Contudo, nas festas do Espírito Santo em geral, essa ligação assume uma dimensão particularmente expressiva, que se deve tanto à quantidade extremamente significativa de alimentos distribuídos, quanto ao número consideravelmente elevado de pessoas que são abrangidos por essas prestações alimentares (Leal, 1994). A abundância dos elementos principais desta ementa, foi um fator importante para a fixação destas festas no arquipélago dos Açores. Como afirma, determinadamente, Maciel (2019):

“(...) os Açores têm gado em abundância?! Então dêem-se esmolos de carne e sopas. Têm boa produção de trigo?! Então dêem-se bolos, distribuídos à hora das vésperas, pão e massa sovada. Cultivam a vinha?! Distribua-se o vinho. Com abundância de leite e ovos e a importação de arroz façam-se papas.” (Maciel, 2019, p. 252).

Da bibliografia consultada, Pessoa (2019) destaca-se na articulação da sequência aproximada dos rituais que se desenrolam ao longo da semana da função. Este autor tem como partida escritos de estudiosos, sobretudo de João Leal. Pelo que passo a expor a sequência aproximada do ritual que Pessoa (2019) identifica.

A preparação das festas do ano seguinte inicia-se na noite do último domingo de festividades do ano anterior, isto é no domingo da Trindade. Na entrada do “Império”, um sorteio determina quem será responsável pela organização das festas do Espírito Santo no próximo ano, geralmente em cumprimento de uma promessa. O primeiro a sair no sorteio ficará responsável pelos festejos da primeira semana e é guardião da coroa durante todo o ano, até ao Domingo de Páscoa do ano seguinte. (Pessoa, 2019, p. 81).

Durante cada semana de celebrações, ocorrem as “alumiações”, onde as insígnias do Divino são reverenciadas na casa do imperador. Na sexta-feira, os bois são enfeitados e ocorre a procissão do vitelo, onde são abatidos os animais necessários, que o imperador oferecerá no domingo aos convidados. Atualmente, o abate é feito num matadouro durante a semana. É retalhada a carne para a sopa, o cozido e a alcatra do jantar e para as esmolos, para serem distribuídas aos pobres da freguesia no sábado. (Pessoa, 2019).

No domingo de manhã, acontece a primeira procissão, liderada pela bandeira do Espírito Santo. A coroa, o ceptro e a salva dirigem-se para a Igreja, onde são aguardados pelo padre, e este asperge a coroa, o imperador e os seus acompanhantes. De seguida, é realizada a coroação, que como já vimos anteriormente, é o ponto culminante de todas estas celebrações (Leal, 1994). Neste mesmo domingo, o mordomo organiza a refeição da função, onde todos são convidados, e o cardápio inclui a sopa do Espírito Santo, cozido, alcatra, pão, massa sovada ou rosquilhas e vinho (Pessoa, 2019).

Por fim, segue-se o cortejo até ao império ou à residência do imperador da semana seguinte, a quem são entregues as insígnias do culto. Este processo repete-se nas semanas que compreendem o domingo de Páscoa e o Domingo de Pentecostes, podendo ser estendido até ao Domingo da Trindade (Pessoa, 2019).

No decorrer destes rituais, principalmente durante a coroação, é cantado, ou tocado pela filarmónica, o hino em louvor do Espírito Santo. De todos os hinos religiosos, para além daqueles que são comuns a todo o país, destacam-se nos Açores os que foram compostos em louvor do Divino Espírito Santo, com algumas variantes por ilha. Destas variantes, acabou por se tornar mais conhecida a que foi escrita por Read Cabral (Arquivo dos Açores, XII: 91), com música de Jacinto Inácio Cabral (Machado, 1991: 80-81).⁹

“HINO DO SENHOR ESPÍRITO SANTO

Alva pomba que meiga apar’ceste,
Ao Messias no rio Jordão,
Estendei Vossas asas celestes
Sobre os povos do orbe cristão.

Vinde, ó vinde, entre nuvens de glória,
Entre os anjos e bençãos de amor,
Entre cânticos de eterna vitória
Que os querubins Vos elevem Senhor

Quem aos pobres seus braços estende,
Quem lhes veste seus ombros tão nus,
Achará que tudo isso só tende
Para a glória e honra da Cruz.

Ofertai as mais belas oferendas,
Ofertai-as em nome de Deus,
Colherás um dia mil prendas
Quando entrardes no reino dos Céus.”¹⁰

Até agora referiram-se práticas religiosas, que estão no fundamento das festas do Espírito Santo. Todavia, as festas do Espírito Santo “são as festas, por excelência dos Açores, onde o arraial assume uma função de destaque.” (Leal, 1994, citado por Vieira, 2019, p. 44). O arraial adiciona a estas festas uma prática profana, onde “os Açores revelam uma diferença na vivência do arraial” (Vieira, 2019, p. 44), e o arraial “gera um ambiente de folia, que se expressa em sons, cheiros e o colorido da indumentária (...).” (Vieira, 2019, p. 51).

⁹ Enciclopédia Açoriana (s.d.). *Hinos*. <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=5166> . Consultado a 5 de outubro de 2023.

¹⁰ Martinho, M. (2007, maio). Hino do Senhor Espírito Santo. *Magdala*. <https://magdala.blogs.sapo.pt/5608.html>. Consultado a 5 de outubro de 2023.

A essência religiosa, originária das festas mantém-se, mas as celebrações profanas como o arraial agregam-se, pois, como afirma Rocha-Trindade (2019), embora os rituais religiosos das festas e os arraiais possam continuar a realizar-se individualmente, cada vez mais as festas do Espírito Santo aliam essa dupla função, de religioso e profano. (Rocha-Trindade, 2019).

3.2.2 Personagens e símbolos

Pereira (2017) sublinha que as festas do Espírito Santo apresentam um universo simbólico bastante rico, as personagens desempenham um papel central na compreensão dos aspetos estéticos, socioculturais e simbólicos evocados pela festividade. Além disso, elas contribuem para atribuir sentido ao ritual, conferindo-lhe formas e conteúdos espetaculares. O universo simbólico das personagens enriquece a compreensão da importância cultural e espiritual do evento.

“Dentro do rico universo simbólico espetacularizado pela festa do Espírito Santo as personagens constituem um elemento central na observação dos significados estéticos, sócio-culturais e simbólicos que a festa evoca. Elas indicam informações importantes sobre a comunidade e como esta elabora sua ligação com a tradição, identidade, coletividade e pensamento religioso. Além disso, de como dão sentido à prática do ritual, imprimindo-lhe formas e conteúdos espetaculares.” (Pereira, 2017, p. 11)

As personagens destas festas referem-se aos títulos que são associados aos promotores das festas do Espírito Santo. No caso das funções estas referem-se ao “Imperador” e à “Imperatriz”, que é a figura central nas celebrações, escolhida para festejar o Espírito Santo num determinado ano, ao receber o Espírito Santo em sua casa (Fernandes & Fernandes, 2006). Relativamente aos bodos, as personagens centrais são os “mordomos”, que são os “irmãos” eleitos para os realizar (Fernandes & Fernandes, 2006)

Para além das personagens das festas existem os símbolos, materializando-se na coroa, ceptro e salva, entre outros. As insígnias da festa do Espírito Santo são elementos simbólicos e representativos que desempenham um papel fundamental nas celebrações dessa tradição. Cada uma dessas insígnias possui um significado profundo e contribui para a riqueza simbólica e espiritual da festa.

O sinal por excelência do Espírito Santo é a pomba, que é o símbolo do espírito divino nos Evangelhos, e encontra-se representada transversalmente na iconografia destas celebrações, na coroa e no ceptro, na bandeira e na sua haste, e nas oferendas de alfenim.¹¹

A "Coroa do Divino Espírito Santo" representa grandeza, gozo e vitória. Ela está localizada na parte mais elevada do corpo, simbolizando um prolongamento em direção ao Céu. Os quatro braços iniciais da coroa também podem representar os quatro evangelhos e os quatro pontos cardeais, direcionando para os quatro cantos do Mundo.¹²

“A Coroa do Espírito Santo, forma consagrada de representação da divindade, constitui o elemento em torno do qual se estruturam os Impérios. Trata-se de uma Coroa em prata trabalhada, encimada por uma pomba, e que constitui a insígnia central de um conjunto de que fazem ainda parte um ceptro — também encimado por uma pomba — e uma salva, ambos em prata.” (Leal, 1994, p. 40).

O "Ceptro", que é segurado por quem coroa, e simboliza a soberania e a autoridade. O ceptro é o prolongamento do braço que busca a bênção de Deus.¹³

Ambos a coroa e o ceptro repousam na "Salva," que é um prato de prata batida. Juntos, eles formam um conjunto que expressa a ligação entre a humanidade e o divino, representando a procura pela bênção e a celebração da grandeza espiritual.¹⁴

¹¹ Mendes, A. (s.d.). História. *Roteiro das festas do Divino Espírito Santo Açores/Comunidades*. <http://roteirodesazores.com/historia/>. Consultado a 5 de outubro de 2023.

¹² Ilhéu (1980), citado por Fernandes, A. A., & Fernandes, M. (2006). *Espírito Santo em festa*. Gráfica de Coimbra.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.



Figura 3.4: Coroa do Espírito Santo, Agualva, Ilha Terceira, 26 de maio de 2023.

Autoria: Raquel Barbosa

A "Bandeira da Coroa" é feita de damasco de seda vermelha e representa a Sabedoria e o calor "abrasador" do amor divino. A cor vermelha é associada às línguas de fogo do Espírito Santo, como no Cenáculo. A bandeira também apresenta a imagem de uma pomba, que é o símbolo do Espírito Santo, circundada por um resplendor. A combinação da cor vermelha com a imagem da pomba representa a excelsa energia divina e a presença do Espírito Santo nas celebrações. (Ilheu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006). A bandeira abre os cortejos das festas e assinala a casa onde, nesse momento, reside a coroa do Espírito Santo.¹⁵

¹⁵ Mendes, A. (s.d.). História. *Roteiro das festas do Divino Espírito Santo Açores/Comunidades*. <http://roteirodesazores.com/historia/>. Consultado a 5 de outubro de 2023.



Figura 3.5: Bandeira da Coroa do Espírito Santo

Fonte: Mendes, A. (s.d.). História. *Roteiro das festas do Divino Espírito Santo Açores / Comunidades*. <http://roteirodesazores.com/historia/>. Consultado a 5 de outubro de 2023.

As "varas", também conhecidas como “tochas”, não apenas desempenham um papel de enquadramento para as insígnias, mas também podem ser consideradas como uma extensão das mãos da comunidade que carrega as insígnias. Elas auxiliam na criação de um quadro para as demais insígnias, simbolizando a união e a colaboração dos irmãos na celebração do Espírito Santo (Ilheu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006).

Todas estas insígnias são colocadas num local de destaque na casa do “Imperador”, o qual se designa por “altar do Espírito Santo”. “Este altar, também designado por trono, reveste uma forma piramidal em escada, sendo encimado por um dossel de rendas brancas e decorado com luzes e flores.” (Simões, 1987 citado por Enciclopédia Açoriana). A sua decoração e estrutura é deixada a cargo da criatividade e interpretação de cada “Imperador” ou “Imperatriz”, não havendo um igual ao outro.



Figura 3.6: Altar do Espírito Santo na freguesia de Agualva, Ilha Terceira, 26 de maio de 2023.
Autoria: Raquel Barbosa

Como podemos observar, a festa do Divino Espírito Santo é profundamente marcada pela simbologia das cores, com destaque para o vermelho-escarlata e o branco. O vermelho é a cor da bandeira e das fitas que adornam objetos simbólicos, representando poder supremo, enquanto o branco simboliza a pureza e é associado à pomba do Espírito Santo. O branco é uma não-cor, caracterizando-se pela ambiguidade e pela potencialidade, refletindo o idealismo utópico presente no culto do Espírito Santo.¹⁶

¹⁶ Mendes, A. (s.d.). História. *Roteiro das festas do Divino Espírito Santo Açores/Comunidades*. <http://roteirodesazores.com/historia/>. Consultado a 5 de outubro de 2023.

3.2.3 Os Impérios nos Açores: significado arquitetónico e cultural

Aborde-se agora o significado do “Império”. Este é um pequeno templo em honra ao Divino Espírito Santo, em cujo interior existe um altar onde está assente a Coroa do Espírito Santo, em forma piramidal e forrada a flores de papel branco, também levando velas e outra decoração com flores naturais (Anacleto-Matias, 2010).

Nos inícios do séc. XVIII, havia os chamados “Triatos” em honra da Tríade “Pai, Filho e Espírito Santo”, cuja construção era essencialmente em madeira. Hoje em dia existem os “Impérios do Espírito Santo”, os quais são construídos em pedra ou em bloco (Anacleto-Matias, 2010).

Martins (1992) destaca o surgimento dos “Impérios” contruídos em pedra no início do século XIX, ocupando cerca de 30 metros quadrados cada. Estas estruturas únicas compartilham elementos arquitetónicos com as ermidas, mas com particularidades que os caracterizam. Essas particularidades são:

“(...) as janelas com peitoris de ferro fundido, e a porta, aberta a cerca de 2 metros do solo, cujo acesso se faz por uma escada amovível, de madeira, ladeada por balaústres e corrimão, a qual se coloca na semana que precede o Domingo de Pentecostes e é retirada na semana seguinte ao Domingo da Trindade isto é, durante as duas semanas dos “Bodos”(...)” (Martins, 1992, p. 246).

Anexo a esta construção, Martins (1992) identifica um edifício denominado “despensa”, onde são armazenados o pão, a carne, o vinho e todos os materiais a serem utilizados no decorrer das festas.

Pereira (2017) define ainda os “Impérios” como micro-igrejas do Espírito Santo, que são centrais dos seus rituais e simbolizam “o tempo do Espírito Santo” (Pereira, 2017, p. 72). Estas estruturas catalisam a dinâmica espacial da festividade, abrigando as insígnias e as ações relacionada com os ritos. Pessoa (2019) retrata os “Impérios” como “o epicentro do culto popular do Espírito Santo no arquipélago” (Pessoa, 2019, p. 79). Afirma ainda que estas construções incorporam o aspeto físico do culto ao divino.



Figura 3.7: Império do Espírito Santo da freguesia de São Sebastião, Ilha Terceira

Fonte: Cardoso, J. (2013, junho). *Império do Espírito Santo de São Sebastião*. https://www.flickr.com/photos/joe_taruga/9009904834/. Consultado a 5 de outubro de 2023.

Os Impérios do Espírito Santo são antagonistas às Igrejas, isto é, a igrejas que são projetadas de forma a transmitir uma atmosfera sombria e penitencial. Estas últimas geralmente têm paredes escuras, pouca iluminação e elementos que inspiram um senso de seriedade e reflexão, sendo frequentemente associadas a uma abordagem religiosa mais austera e focada na penitência, ou seja, no arrependimento pelos pecados, enquanto os Impérios do Espírito Santo contradizem essa escuridão e essa negatividade:

“As igrejas escuras, penitenciais. O Império do Espírito Santo é exatamente o contrário. É todo branco por dentro. Tem 7 janelas, o clássico, 7 degraus. O número 7 judeu, também. E é todo branco por dentro, a desafiar a negritude, a escuridão, ia dizer a escuridade, se calhar, porque não queria explicar a escuridão, queria mesmo escuridade. Da Igreja, ele está a desafiar. Aqui nós somos muito mais pascais. Dão outra alegria, exatamente essa, há religião e há fé.”¹⁷

¹⁷ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Júlio Rocha, Ilha Terceira, 7/04/2023.

Em relação aos “Impérios” da ilha Terceira, estes merecem uma referência especial, uma vez que esta é a ilha que detém mais “Impérios” da totalidade existente no arquipélago. Na ilha Terceira existem cerca de setenta Impérios distribuídos entre as dezoito freguesias e suas respetivas localidades (Pereira, 2017).

A gestão de cada “Império” é supervisionada por uma irmandade com papel administrativo, responsável pela manutenção, armazenamento e preservação das insígnias, bem como pelo sorteio do pelouro e pela prestação de contas (Pereira, 2017).

O interior destas construções está centrado no altar do Espírito Santo, adornado com os objetos rituais, especialmente a coroa, o cetro, ao lado da bandeira do Espírito Santo (Pereira, 2017).

Anteriormente foram destacados os “Impérios” da ilha Terceira. Estes “Impérios” enquadram-se em quatro tipologias fundamentais nos Açores, segundo Campos (2002), citado por Pessoa (2019, pp. 78-79). O primeiro tipo tem como designação “teatros”, característicos de Santa Maria e São Miguel, com “pequenos alpendres com cobertura de telha, sustentados por colunas ou pilares na frontaria, com escadas”. O segundo tipo é constituído precisamente pelos impérios da Terceira, anteriormente descritos, como “pequenos edifícios sobre socos com balcão na fachada principal e acessíveis por escadas, com muitas janelas e decoração mais elaborada”. O terceiro tipo são os “impérios-capela, “com remate no frontão, mas apenas com uma porta na fachada”, cuja localização geográfica é mais frequente em São Jorge, Pico e Faial. Por fim, o último tipo citado pelos autores, característico das duas ilhas do grupo ocidental, Flores e Corvo, é caracterizada pelos “impérios-casa”, que se assemelham às habitações térreas comuns na ilha das Flores.

Em geral, os “Impérios” possuem uma importância arquitetónica e cultural significativa, ao servirem como locais centrais para as festividades do Espírito Santo nos Açores.

3.3 Significado das festas

3.3.1 Conexões comunitárias e religiosas

Anteriormente, temos referido as festas do Espírito Santo e não rito ou celebração, a não ser exceccionalmente. Pereira (2017) aponta que:

“as festas podem ser de natureza sagrada ou profana e, conforme as regras sócio-morais que as engendram, a separação ou mistura dessas categorias apresentam variáveis. Isso ocorre visto que, apesar das noções de sagrado e profano funcionarem em polos diferentes da organização social, a natureza excessiva da festa deixa espaço para mistura de elementos.” (Caillois, 1950, citado por, Pereira, 2017, p. 34).

Ao intitular estas manifestações como festas, entendemos que estas se tratam de uma cerimónia social cuja função é promover a coletividade e assegurar o sistema de crenças que produz a ideologia dessa sociedade (Pereira, 2017). Pereira (2017) explica que, as festas tornam-se veículos de transmissão de cultura onde a festa carrega ideologias, uma vez que endossam o sistema de valores sociais, e perpetuam um conjunto de certezas asseguradas pela tradição e pela história, de forma a transmiti-las às novas gerações, isto é, a festa introduz os antigos hábitos culturais às novas gerações, de forma a que sejam minimizados os impactos das possíveis tensões que poderiam advir dos choques intergeracionais.

Como aponta Duvignaud (1983), a festa torna-se deliberadamente ideológica, pois a teatralização que ela requer, a dramatização dos símbolos e alegorias que subentende, tendem a justificar ou a explicar uma doutrina (Duvignaud, 1983, p. 155, citado por Pereira, 2017, p. 35).

Deste modo, como identifica Mendes (2014), as festividades têm três componentes muito fortes: a oração e celebração com a coroação do imperador; a componente comunitária, com os jantares, convívios e arraiais; e, por fim, a componente social, com a distribuição de esmolas, de pão, vinho e carne aos irmãos e a todos os necessitados.¹⁸

Leal (2017a) reconhece as festas como um instrumento de construção de conexões entre as comunidades e a divindade, e entre as próprias comunidades. Estas detêm “o poder de fabricação simultânea do religioso e do social” (Leal, 2017a, p. 377). A simbologia e significados atribuídos aos ritos e celebrações promovidos pelas festas, evocam um conjunto de personagens que o conhecimento das tradições e costumes da comunidade que as realiza.

Nunes (2019) sublinha o valor das festas para a comunidade que as realiza e vive, assente na dignidade do celebrar respeitando tradições culturais preservadas, revitalizadas

¹⁸ Mendes, H. (2014, junho). *O Espírito Santo na sua relação com o Império*. <https://www.igrejaacores.pt/o-espírito-santo-na-sua-relacao-com-o-imperio/>. Consultado a 10 de outubro de 2023.

ou (re)inventadas, e desta forma assegurando a sua permanência futura ou a sua sobrevivência onde quer que se realize.

As festas, ao serem um espaço de transmissão de cultura que carrega ideologias, demonstram a sua importância na manutenção, elaboração ou invenção de tradições e costumes. Esta reflexão expressiva sobre a designação de festa ajuda-nos a perceber a forma como esta carrega de responsabilidade na transmissão dos códigos sócio culturais que, neste contexto, são vividos de forma mais lúdica que os meios formais de transmissão da tradição, como a escola ou a família (Pereira, 2017).

Na sua base estão a fé ou a devoção ao Espírito Santo, isto é, motivações de natureza religiosa. A sua realização, na maioria dos casos, resulta de promessas individuais, onde os motivos principais são saúde e riqueza, que trocam a graça divina solicitada pela promoção de uma festa em honra e louvor do Espírito Santo (Leal, 1994). “É por seu intermédio que cada indivíduo e cada casa tenta resolver muitos dos pequenos e grandes problemas com que se defronta.” (Leal, 1994, p. 68). Outras razões para a promoção destas festas prende-se com a correlação da devoção ao Espírito Santo e a garantia da proteção e bem-estar individual e coletivo, onde é referida a questão dos Açores e as crises sísmico-vulcânicas (Leal, 2017a).

Ao falarmos da sua base, encontramos os motivos da realização destas festas, que se encontra fundada num sistema de trocas simbólicas entre o Espírito Santo e a comunidade (Pereira, 2017). Pereira (2017) caracteriza este sistema de trocas, popularmente conhecidas como “pagamento de promessas”, como uma “economia simbólica” de trocas:

“(…) cujos resultados são atemporais e pertencem ao campo das projeções dos indivíduos para além da vida e da morte. (...) Segundo é corrente, aquele ou aquela que cumpriram função na festa são retribuídos pelo Espírito Santo na forma de proteção e benesses ao longo de toda a vida.” (Pereira, 2017, p. 46).

Falando-se de sistema de trocas, neste caso de dádivas e contradádivas, mas coloca-se a questão de trocas entre quem? No caso das festas do Espírito Santo, estas trocas são efetuadas: entre os que promovem a festa, entre si, que acontece por ocasião das trocas materiais de alimentos, bebidas, na ajuda coletiva para a realização de obras ou trocas de favores; e, entre os que promovem a festa e o Divino, com a realização de promessas, obtenção de graças, pedidos, atos de fé e ofertas de donativos para a festa (Pereira, 2017). Esta relação direta entre a divindade e os homens é uma das mais antigas formas de contacto entre o homem e o sobrenatural (Mauss, 2013, citado por Pereira, 2017).

As trocas materiais e simbólicas entre os que promovem as festas evidenciam outro fundamento das festas do Espírito Santo, a solidariedade e a partilha (Pereira, 2017). Esta partilha traduz-se no ritual principal promovido pelas festas, como enfatiza Mendes (2001):

“O ritual principal era a oferenda de dois pães da flor da farinha, cozidos com fermento, em distinção dos ázimos (sem fermento), querendo dizer que havia condições para se viver bem: o trabalho da ceifa estava terminado, a subsistência estava garantida. É o momento de acção de graças, de festa, partilha e alegria. Encontramos aqui as raízes mais profundas do culto popular do Espírito Santo, anteriores à formação da nacionalidade.” (Mendes, 2001, citado por Fernandes & Fernandes, 2006).

Assim, as festas do Espírito Santo nos Açores não são apenas eventos religiosos, mas manifestações profundamente enraizadas na cultura local que demonstram a importância da solidariedade, da partilha e da conexão espiritual. Elas são uma expressão viva da riqueza cultural e espiritual das ilhas dos Açores, e um testemunho da resiliência das comunidades que as promovem ao longo dos séculos, mantendo vivos os valores fundamentais que sustentam essas celebrações únicas.

3.3.2 Diversidade e autonomia das festas

No caso das festas do Espírito Santo, estas são, na sua essência, festas religiosas populares. Populares na medida em que são organizadas e promovidas pela comunidade. Religiosas porque estas celebrações convidam toda a população a participar, desde os residentes locais, familiares e vizinhos, aos visitantes e turistas. Segundo Rocha-Trindade (2019), podemos considerar as festas do Espírito Santo como locais de trânsito, onde têm lugar encontros e reencontros que se tornam num “teatro de operações afetivas que alimentam novas vivências” (Rocha-Trindade, 2019, p.27).

Mendes (2001) define-as como “uma forma conseguida da inculturação da fé cristã na Terceira Pessoa da Santíssima Trindade”. Apesar de ser uma festa religiosa, a própria Igreja mantém-se à margem das festas em si, sendo que estas são promovidas e foram mantidas pela população, assumindo-as como tradição, ao longo dos séculos. “E para todo o lado aonde emigrou, o povo açoriano levou consigo e implementou esta tradição, como elo de ligação às raízes e como meio de afirmação da própria identidade” (Mendes, 2001). Isto é, o culto ao Espírito Santo expressa-se sob a forma de festa, sendo que “para a gente

dos Açores, a devoção em honra do Divino Espírito Santo expressa-se mais vivamente talvez nas suas festas populares” (Fernandes & Fernandes, 2006, p.92).

As festas do Espírito Santo têm dois aspetos surpreendentes, reconhecidos por Leal (2017a). Em relação à sua escala, existe um elevado número de festas, na sua espessura histórica e na sua amplitude geográfica. E, também combinam alguns motivos recorrentes com uma grande capacidade de diversificação do seu *script* ritual. (Leal, 2017a).

A expressão “a cada canto seu Espírito Santo” enquadra-se na medida em que as festas conheceram inúmeros processos de transformação, de diferenciação e de hibridização, como consequência da sua circulação, pois são festas portadoras de “representações sócio-culturais da comunidade que a produz” (Pereira, 2017). Daqui conclui-se que, desde a sua origem, a diversidade é uma importante característica destas festas (Leal, 2017a). Como o autor nota, os processos de diversificação não são fáceis de identificar, uma vez que existe uma escassez de fontes, mas onde se encontra esta informação, é sugerido que estes processos envolvem, de diferentes formas, inspiração em modelos rituais preexistentes, criando-se uma improvisação cultural geradora de novas soluções rituais (Ingol & Hallam, 2007, citado por Leal, 2017a). Leal (2017a) explica que podemos observar que as viagens tiveram como consequências a alteração de determinadas sequências rituais, a aquisição de novos significados e sentidos, num incessante processo de diferenciação e transformação.

O conceito de diversidade sublinha as diferenças observadas entre regiões, ilhas, e até freguesias dentro das próprias ilhas. Silva (2019) identifica a realidade, de quem as promove, como motivo desta diversidade:

“A realidade de cada ilha, de cada comunidade, marca profundamente as manifestações associadas a estas festividades e, por essa razão, podem observar-se diversas variações ao percorrermos as nove ilhas ou, até mesmo, as várias freguesias.” (Silva, 2019, p. 227)

Subjacente ao conceito diversidade, Leal (2017a) reconhece a multiplicidade de soluções rituais que as viagens do Espírito Santo foram gerando. Este autor (Leal, 2017a) aponta variados exemplos de multiplicidade. São estes: as datas; os símbolos, como a coroa, o altar, a bandeira do Espírito Santo, entre outros, que foram sendo adicionados e até substituindo os símbolos originais; o *script* político-religioso variável; a capacidade de anexação de terminologias nobres designando outras personagens das festas do Espírito Santo variável; a variação no tipo de personagens rituais; a circulação do

alimento realizado nas festas, no que diz respeito ao tipo de alimento que é distribuído, onde e como (em que situação – refeições ou distribuição em recinto aberto ou porta a porta); o *script* ritual, que embora seja estruturado em torno do alimento, não se esgota neste, inclui vários tipos de procissões e cortejos com modos de composição e sentidos variados (são exemplos: arraiais, peditórios, terços, cerimónias de homenagem à coroa, entre outros); o contexto organizativo das festas, isto é, quem organiza.

Porém, embora se verifique esta multiplicidade de rituais, Nunes (2019) reforça que a essência do louvor ao Divino Espírito Santo, uma devoção herdada e transmitida de geração em geração, não é afetada pela multiplicidade. Podemos observar muitas faces dos diferentes rituais, cada vez que se inicia um novo ciclo do Espírito Santo, mas Nunes (2019) encontra nas diferentes manifestações culturais de honra e louvor ao Espírito Santo “a prática da partilha, a grandeza da dádiva, a dimensão caritativa e fraterna, sob o olhar da devoção popular.” (Nunes, 2019, p. 220). A autora percebe nestas manifestações culturais de reverência e louvor um fio condutor comum de valores.

Este discurso traz à luz a interação dinâmica entre a tradição e a diversidade no contexto das Festas do Espírito Santo. O leque de variações rituais reflete a fluidez e adaptabilidade culturais que essas festividades tiveram ao longo do tempo, enquanto a essência central da devoção permanece firme, refletindo valores e significados compartilhados dentro de uma variedade diversificada de práticas. Isto suscita questões intrigantes sobre o equilíbrio entre a preservação da tradição e a aceitação da mudança, e sobre as formas como as expressões culturais podem evoluir e ao mesmo tempo manter os seus princípios fundamentais.

Neste conjunto de perspetivas sobre as festas do Espírito Santo, emerge a temática da autonomia em relação à Igreja e à esfera eclesiástica (Leal, 1994; Mendes, 2001; Leal, 2017a; Pereira, 2017; Pessoa, 2019). Embora a promoção das festas possa caber a quem faz a promessa (pessoa individual ou às irmandades do Espírito Santo (pessoa coletiva), verifica-se sempre a organização por parte da comunidade (festas populares) e não da igreja, que só é chamada a participar em determinados momentos das festas. Apesar de ser uma festa religiosa, a própria Igreja mantém-se à margem das festas em si, sendo que estas são promovidas e foram mantidas pela população, enquanto tradição, ao longo dos séculos (Mendes, 2001).

Leal (2017a) aborda a autonomia nas festas em dois aspetos, a autonomia religiosa e a autonomia social. A autonomia religiosa destaca-se pela relação direta entre os devotos e divindades, substituído a mediação eclesiástica tradicional (C.R. Brandão, 1981, citado por Leal, 2017a). A participação da igreja muitas vezes limita-se à missa de coroação, fazendo com que o culto ao Espírito Santo tenha uma interferência secundária da Igreja. A autonomia social reflete nas festas um empoderamento ritual particularmente evidente quando organizadas por grupos populares, permitindo a construção de espaços de autonomia política e social.

Na perspetiva de Pereira (2017), a autonomia é uma característica distintiva das festas do Espírito Santo. Esta autora destaca, assim como Leal (2017a), a relação direta e privilegiada entre os homens e o Divino, o que diferencia essas celebrações de ritos litúrgicos mais graves e solenes da igreja católica. A ausência da liderança da Igreja Católica nas funções celebrativas definiu a festa como mais popular do que católica, uma vez que, a atuação da Igreja limita-se a momentos bastantes pontuais, como a coroação, e o benzimento da carne e do pão distribuídos nas cerimónias, enquanto que a realização das festas é conduzida pelos devotos (Pereira, 2017). A relação horizontal entre o Divino e os homens é um aspeto notável, onde a procura de contato direto com o Divino “*revela um tipo de intimidade construída horizontalmente e vivida na confiança do devoto sobre a capacidade do Espírito Santo em dar respostas às suas demandas.*” (Pereira, 2017, p. 33).

Ao abordar a evolução dessa relação, Pessoa (2019) evoca as proibições eclesiásticas da participação do clero ou dos fiéis nos atos religiosos destas festas, sendo esta participação considerada heresia pela reforma gregoriana do final do século XVI. A ameaça de excomunhão persistiu ao longo do tempo, intensificando-se desde o período filipino até ao século XX (Pessoa, 2019). Contudo, a continuidade e afirmação das manifestações festivas não foi interrompida.

Em suma, as perspetivas expostas pelos autores supra citados revelam que as festas do Espírito Santo nos Açores são marcadas pela diversidade de rituais e pela autonomia em relação à Igreja Católica, enfatizando a importância da comunidade, das tradições e da relação direta entre os devotos e o Divino Espírito Santo. Essas festas não apenas refletem a cultura local, mas também destacam a capacidade de adaptação e evolução ao longo do tempo.

Capítulo 4 – A mudança nas festas na Terceira nas últimas décadas

4.1 Traços das festas na ilha

A ilha Terceira, como o próprio nome o indica, foi a terceira ilha do arquipélago a ser descoberta e povoada no século XV, sendo o primeiro documento oficial referente ao seu povoamento a carta régia de julho de 1439. Esta ilha, inicialmente conhecida como ilha de Jesus Cristo, é dividida em dois concelhos, Angra do Heroísmo e Praia da Vitória, sendo o concelho de Angra caracteristicamente mais urbano do que o concelho de Praia, mais rural.

Como diz um site turístico, a ilha Terceira é conhecida muitas vezes por ser a ilha mais festiva dos Açores. Na Terceira podemos encontrar durante todo o ano um rico calendário de celebrações religiosas ou tradicionais. É todo um calendário preenchido, desde: o período do Entrudo com as típicas Danças de Carnaval, e teatro com sátira e críticas sociais; as festas do Espírito Santo; as Sanjoaninas, festas dedicadas a São João no mês de junho; as Festas da Praia, no mês de Agosto, com um amplo cartaz de eventos; e as Festas da Vinha e do Vinho que animam a freguesia dos Biscoitos, terra de tradição vinícola, no mês de Setembro. Todas estas festas são acompanhadas por animação de cantares ao desafio, as conhecidas “cantorias”, e, não poderiam deixar de ser referidas as ancestrais touradas, que se dividem em touradas de praça e as típicas touradas à corda. Desde 1 de maio a 15 de outubro decorre a época taurina, tão característica da ilha Terceira.¹⁹

De todas as festas do calendário da ilha, grande parte tem origem religiosa, sendo as principais as festas do Espírito Santo, cujo núcleo central assenta principalmente em valores como a solidariedade e a partilha. O culto ao Espírito Santo está documentado desde 1492, onde já se fazia o Império e se distribuía o bodo, no dia de Pentecostes, à porta da capela do hospital do Espírito Santo da Terceira, fundado a 15 de maio, na Rua Direita, por João Vaz Corte Real, capitão donatário de Angra (Noé, 2012).

“O primeiro bodo de que há memória na ilha Terceira remonta há exatamente 530 anos (...). Em 1492, quando Colombo descobria a América, já se distribuía o bodo

¹⁹ Explore Terceira (s.d.). *Sobre a Terceira*. <https://www.exploreterceira.com/sobre-a-terceira/>. Consultado a 13 de outubro de 2023.

aos pobres, à porta da capela do Hospital de Santo Espírito, no Pátio da Alfândega. E, a partir daí, nunca mais parou.”²⁰

As festas do Espírito Santo encontram-se particularmente bem estudadas na ilha Terceira (Leal, 1994). A sua duração, à semelhança do que acontece no restante arquipélago, desenrolam-se durante o período de oito semanas que se compreende entre o domingo de Páscoa e o domingo da Trindade.

Tal como nas restantes ilhas as festas do Espírito Santo na Terceira compreendem dois tipos distintos de cerimónias, genericamente designados por funções e bodos (Martins, 1992; Leal, 1994; Pereira, 2017).

Sobre a Terceira, Leal (1994) considera que as funções têm como centro as promessas individuais, sendo cada uma liderada por um imperador responsável pelas festividades da semana, que são determinadas por um sorteio realizado no ano anterior. Durante a semana de realização das festas, Leal (1994) identifica os rituais que compõe estas funções, as quais incluem: as recitações diárias do terço tradicional no altar em casa do imperador; a coroação, que consiste na cerimónia religiosa central no domingo, após a missa; e, as procissões realizadas no dia da coroação. No entanto, estas procissões eram tradicionalmente dirigidas e acompanhadas pela “folia”, contudo o autor aponta que nos últimos 30 a 40 anos, a maioria das folias da ilha entraram em declínio e, atualmente, as funções são geralmente acompanhadas por filarmónicas (Leal, 1994).

Tendo já abordado a circulação do alimento, tão característica das festas do Espírito Santo, esta é realizada de forma semelhante ao restante arquipélago, sendo adicionados algumas particularidades características da ilha Terceira. Na ilha Terceira acrescenta-se a distribuição de “esmolas”, das quais Leal (1994) reconhece duas modalidades: as esmolas de mesa, que “consiste na distribuição, a um certo número de casas mais pobres do lugar ou da freguesia, de uma sopa com carne cozida e de um pão”; e uma segunda modalidade que “consiste na distribuição, a crianças e a pobres, de um pão de trigo conhecido pela designação de pão dos inocentes.” (Leal, 1994, p. 174).

Para além das esmolas, outro elemento culinário característico das festas do Espírito Santo é o alfenim. Este consiste numa receita tradicional nas ilhas Terceira e Graciosa, sendo especialmente produzido durante o período de duas semanas que compreendem os domingos de Pentecoste e da Trindade. Durante este tempo, centenas de quilos de açúcar

²⁰ Rocha, J. (2022, junho). *O último dia do mundo*. <https://www.igrejaacores.pt/o-ultimo-dia-do-mundo/>. Consultado a 18 de junho de 2022.

são transformados em delicados bonecos, que são posteriormente oferecidos nos Impérios do Espírito Santo. O dinheiro obtido com a venda desses alfenins é destinado ao financiamento dos bodos, que não se limitam apenas à celebração religiosa, mas também à distribuição de comida, incluindo pão, carne e vinho.²¹

O alfenim é frequentemente moldado na forma de uma pomba branca, simbolizando o Espírito Santo. No entanto, também é solicitado com formas, como partes do corpo humano, como pés, pernas, mãos, braços, peitos, gargantas e cabeças de alfenim, associado a promessas ligadas a problemas de saúde ou outros propósitos. Entre os pedidos mais comuns estão os bonecos de meninas e meninos de corpo inteiro, que são associados a diferentes tipos de problemas de saúde ou propósitos específicos.²²



Figura 4.1: Bonecos de alfenim

Fonte: Centro de Artesanato e Design dos Açores (s.d.). *Doçaria Regional*. <http://artesanato.azores.gov.pt/artesanato/docaria-regional/>. Consultado a 14 de outubro de 2023.

²¹ Divino Espírito Santo: o culto que une todos os açorianos. (2019, junho). <https://www.igrejaacores.pt/divino-espírito-santo-o-culto-que-une-todos-os-acorianos/>. Consultado a 23 de outubro de 2023.

²² Idem.

Leal (1994) considera que, por oposição ao carácter restrito das funções, os bodos da Terceira são caracteristicamente celebrações mais amplas, abertas e populares, uma vez que “quem quer que solicite é convidado a servir-se do alimento distribuído.” (Leal, 1994, p. 174). Leal (1994) identifica que a sua promoção é deixada a cargo de uma mordomia, que auxilia no financiamento e preparação dos alimentos distribuídos no decurso do bodo.



Figura 4.2: Dia de Bodo na freguesia de Agualva, Ilha Terceira, 28 de maio de 2023

Autoria: Raquel Barbosa

Leal (1994) acrescenta ainda que, para além da distribuição de alimentos, há um conjunto de festividades que se desenrolam ao longo do dia, em cada freguesia ou lugar, junto ao Império respetivo. Exemplos dados pelo autor dessas festividades são: arraias, bailes, exibições de filarmónicas, arrematações de promessas oferecidas por devotos ao Espírito Santo, como o alfenim, entre outros. Porém, a celebração do bodo, centrada no domingo de Pentecoste e no domingo da Trindade, não substitui a realização da função que é promovida nessa semana correspondente, as duas simplesmente se sobrepõem.



Figura 4.3: Animação da filarmónica no Bodo na freguesia de Agualva, Ilha Terceira, 28 de maio de 2023

Autoria: Raquel Barbosa

As festas do Espírito Santo nas áreas rurais são fortemente centradas na comunidade, cujas celebrações enfatizam a proximidade e os laços entre os moradores, fundamentais para manter e apoiar estas festas. No meio urbano, as festas podem enfrentar desafios para envolver ativamente os participantes devido à falta de laços comunitários tão fortes. A participação pode ser mais variável e não tão espontânea.

Em algumas freguesias da ilha Terceira, principalmente urbanas, ocorre um evento peculiar em que o tradicional "bodo" é substituído por uma entrega direta de carne, pão e vinho de porta a porta (Leal, 1994). Essa distribuição decorre nos sábados de Pentecostes e da Trindade e envolve um grupo de irmãos ou membros da irmandade que contribuem com uma quantia em dinheiro previamente determinada. Além da distribuição de

alimentos, essas festividades também têm uma componente religiosa, que se manifesta na realização de grandes coroações coletivas de crianças, geralmente do sexo feminino, escolhidas entre as famílias que fazem parte da irmandade (Leal, 1994).

Por fim, recorde-se ainda que a Terceira é a ilha com mais Impérios do arquipélago, levando mesmo a que estes com as suas características fundamentem uma das quatro tipologias de Impérios, anteriormente referidas. Existem cerca de setenta Impérios distribuídos pelas dezoito freguesias da ilha, e respetivas localidades (Pereira, 2017).

4.2 A participação

A participação nas festas do Espírito Santo vai desde a promoção e organização da festa, aos designados “empregos” nas funções, ou simplesmente ao assistir do seu desenrolar, sendo que a participação nestas festas está intrinsecamente ligada com as motivações para as realizar.

No decurso das últimas décadas anos assistiu-se a uma decadência da participação nestas festas. O padre Júlio Rocha aponta que diversas celebrações profanas reorientaram a adesão da população às festas em geral:

“Na ilha Terceira, o dia de bodo, o Pentecostes, era o mais importante do ano. Era, porque já não é: Natais, Sanjoaninas, Festas de Praia, até dia dos namorados, dos amigos e das amigas ultrapassaram pela direita o amor que os terceirenses tinham aos bodos do Espírito Santo.”²³

A participação nessas festas sofreu mudanças ao longo do tempo, e as motivações que antes impulsionavam as celebrações têm evoluído de maneiras distintas.

Nas últimas décadas, as festas eram frequentemente motivadas pela devoção ao Espírito Santo e pelo cumprimento de promessas. Para muitos, as festas eram uma expressão tangível da fé e devoção, e as promessas eram cumpridas com grande fervor religioso. A distribuição de alimentos, como carne, era comum, e as pessoas uniam-se para compartilhar refeições e celebrar em comunidade.

²³ Rocha, J. (2022, junho). *O último dia do mundo*. <https://www.igrejaacores.pt/o-ultimo-dia-do-mundo/>. Consultado a 18 de junho de 2022.

Margarida Luís, residente da freguesia de Agualva, do concelho da Praia, participa regularmente nas festas do Espírito Santo da sua freguesia e afirma que os motivos das promessas já não são os mesmos:

“Era para pagar a promessa, que se prometia com muita devoção. Era no tempo que iam os filhos, das pessoas que prometiam as promessas, para o Ultramar(...). Então os pais prometiam, se ele voltassem de saúde, que haveriam de dar uma coroação. Isto, era mesmo com devoção. Agora, já não vejo isso assim.”²⁴

Jorge Barbosa, antigo residente da freguesia de Agualva, ainda acrescenta que, muitas vezes, os emigrantes que retornam à sua ilha mantêm os motivos originais, não se verificando o mesmo com a população residente:

“[Antigamente] Quase sempre se tratava de uma promessa feito ao Divino Espírito Santo numa hora de aflição, seja por doença grave do próprio ou familiar, ou por outra aflição que se passasse, financeira ou devido a algum acidente. (...) Hoje em dia já é raro o caso de realização de uma função de promessa por aqueles motivos. Acontece virem mais emigrantes da América e do Canadá com estes motivos do que propriamente as pessoas de cá da ilha.”²⁵

Ao longo do tempo, as motivações para participar nas festas evoluíram de maneira multifacetada. Algumas pessoas ainda mantêm fortes ligações com a devoção ao Espírito Santo, mas outras parecem ter-se afastado da natureza religiosa das festas.

Almerinda Barbosa, que participa desde criança nas festas do Espírito Santo, nota que, apesar de se manter a fé em algumas freguesias mais rurais, o luxo com que se preparam as festas atualmente elimina o original significado das festas, a simplicidade:

“Nos dias de hoje, ainda em algumas freguesias mais rústicas, pratica-se sobretudo por ainda haver alguma fé e adoração ao Divino da mesma forma. Ao longo dos tempos, têm sofrido muita alteração, as pessoas também com mais recursos levam mais para o luxo e acabam por se esquecer mesmo do próprio significado da festa em si.”²⁶

A ênfase da celebração das festas do Espírito Santo assenta na preservação da tradição e na celebração da identidade cultural da ilha, de tal forma que já é difícil haver pessoas suficientes com promessas para realizar as festas ao longo dos 8 domingos das festas,

²⁴ Entrevista de Raquel Barbosa a Margarida Luís, Ilha Terceira, 11/04/2023.

²⁵ Entrevista de Raquel Barbosa a Jorge Barbosa, Ilha Terceira, 26/12/2022.

²⁶ Entrevista de Raquel Barbosa a Almerinda Barbosa, Ilha Terceira, 26/12/2022.

tendo por vezes de se recorrer a, por exemplo, órgãos da freguesia para preencher esses domingos.

Jorge Barbosa recorda não haver domingos suficientes para todas as promessas do ano, tendo que se adiar o cumprimento das promessas para o ano seguinte, ao contrário do que acontece atualmente, em que se tem de recorrer aos agrupamentos da freguesia em certos domingos:

“Antigamente os chamados Domingos do Espírito Santo, que vão desde o segundo domingo de Páscoa até ao domingo da Santíssima Trindade, estavam todos completos com “promessas”, tendo que se fazer um sorteio. Por vezes, naquele ano, não se conseguia um dos Domingos para comprimir a promessa, ficando para o ano seguinte. Hoje em dia, quase que não se consegue ninguém que preencha todos os Domingos, sendo que, para isso, se recorre às organizações da paróquia para preencher os Domingos, por exemplo a Filarmónica, o Grupo Coral, entre outros.”²⁷

Ana Lima, que já foi mordoma do bodo na freguesia de Agualva, e ajuda diversas vezes na elaboração dos altares do Espírito Santo em diversas freguesias, acrescenta ainda que enquanto no passado as pessoas, por vezes, esperavam vários anos para pagar a sua promessa, nos dias de hoje, já não há a procura e espontaneidade de se oferecerem para preencher um dos domingos das festas:

“Cá nada os mesmos motivos. Agora não é por causa de Nosso Senhor, nem por causa das promessas. Tanto é que, tanta vez, já há muitos domingos que não tem ninguém. As pessoas já não têm aquela coisa para ir buscar, porque antigamente era à vez. (...) antigamente ia 20, 30 pessoas para tirar, e aquelas pessoas tinham os bilhetinhos vazios e os bilhetinhos com os números, e metade das pessoas vinham para casa sem ter nada. (...) Às vezes esperavam 2, 3 anos para pagar as suas promessas. E agora não é assim. Agora já é quase a pedir pelo amor de Deus para as pessoas ficarem com os domingos do Espírito Santo aqui na nossa freguesia.”²⁸

A diminuição na participação nas festas do Espírito Santo tem sido associada a vários fatores.

O avanço nos estilos de vida modernos parece ter afetado o compromisso das pessoas para participar nas festas. O individualismo e as prioridades variadas podem contribuir para uma menor adesão às festas do Espírito Santo. O crescimento do individualismo

²⁷ Entrevista de Raquel Barbosa a Jorge Barbosa, Ilha Terceira, 26/12/2022.

²⁸ Entrevista de Raquel Barbosa a Ana Lima, Ilha Terceira, 30/12/2022.

ameaça o carácter solidário das festas. Por exemplo, o custo da realização das festas tem um papel determinante para que estas sejam realizadas, pelo que a vontade de partilhar com os outros a riqueza vem sendo cada vez menor (Enes, 1996, citado por Blyer, 2010).

O padre Moisés Rocha, atual pároco da freguesia de Aqualva, nota que diminui a vontade de partilhar a riqueza com quem tem mais necessidades:

“Foi-se perdendo um pouco este sentido do Espírito Santo e digamos, essa devoção do Espírito Santo, que seria uma forma de partilhar. As pessoas com mais posses, em vez de fazer a partilha com quem, por exemplo, tem mais necessidade, pronto viram-se para os familiares, viram-se para os amigos e, portanto, fazem isso.”²⁹

Margarida Luís também recorda que a partilha em comunidade com os vizinhos era mais visível no passado:

“(…) naquele tempo convidava-se toda a gente, os vizinhos e tudo. Agora já se vai mais às pessoas, aos conhecimentos e acho que elas, eu para mim que já tenho também 70 anos, também acho que aqui já não é tanta devoção, como é já mais é tradição.”³⁰

O padre Hélder Mendes, antigo Vigário Geral da Diocese de Angra e autor de diversos textos sobre as festas do Espírito Santo nos Açores, reconhece que a população, nos dias de hoje vive mais numa dimensão individual em detrimento da dimensão comunitária, como a das festas do Espírito Santo, pelo que a presença da população nestas festas já não é tão espontânea:

“Quer dizer, hoje as pessoas vivem mais uma dimensão individual, do que uma dimensão comunitária ou institucional. E, ainda que o Império não seja demasiado institucionalizado, mas é, de alguma maneira, uma instituição, ainda que bastante flexível e tem uma dimensão comunitária muito forte. Onde existe laços comunitários é mais fácil que o Espírito Santo aconteça, como também ele próprio promove esses momentos comunitários. (...) não há uma presença espontânea, há sempre uma presença muito, muito procurada.”³¹

Todavia, o facto de se estender os convites a mais pessoas para além dos vizinhos e familiares, como apontado por Margarida Luís, pode levar a uma maior adesão da população para além da freguesia:

²⁹ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Moisés Couto Rocha, Ilha Terceira, 29/05/2023.

³⁰ Entrevista de Raquel Barbosa a Margarida Luís, Ilha Terceira, 11/04/2023.

³¹ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Hélder Mendes, Ilha Terceira, 6/04/2023.

“Agora vai mais gente, vêm mais pessoas. Naquele tempo só convidavam as pessoas mesmo de obrigação, porque são os parentes, são os vizinhos. Agora, as pessoas já vão mais fora destas ideias. Já convidam mais os conhecimentos e as pessoas para lhe darem jeito e coisas assim. Eu acho isto, até não é bem já a devoção ao senhor Espírito Santo.”³²

Outro fator a ter em consideração é o impacto da pandemia. A COVID-19 teve um efeito notável na participação nas festas. As restrições e preocupações com a saúde impediram a união comunitária e a celebração em grande escala, característica das festas do Espírito Santo, sendo que houve o cancelamento ou suspensão temporária das festas, o que afetou a sua vitalidade. O padre Júlio Rocha afirma que a pandemia pode ter contribuído para uma menor participação nas festas do Espírito Santo:

“Tem diminuído algum bocadinho, mas eu percebo. A pandemia também fez alguma moossa. Ficámos 2 anos sem a celebração do Espírito Santo, e a pandemia fez alguma moossa.”³³

A pandemia, durante bastante tempo, fechou igrejas e Impérios, pelo que “amorteceu a fé de alguns”, ao reduzir drasticamente as manifestações de culto (Moura, 2022).³⁴

De forma a ultrapassar esta situação, muitas festas adotaram a transmissão digital como uma solução alternativa (Leal, 2021). Contudo, Leal (2021) aponta que no caso das festas do Espírito Santo devido à sua dimensão religiosa e à sua forte componente de interações sociais, não houve essa transição digital.

Houve festas que simplesmente não se realizaram ou, sendo realizadas, adotaram diferentes formatos e outras formas de as realizar. Estes dois fenómenos apontados por João Leal, observados em conjunto, indicam tendências notadas por antropólogos ao longo dos tempos:

“(…) a festa não é um mero ornamento decorativo da vida social, mas um aspeto decisivo do modo como são configuradas e vividas as relações entre pessoas e grupos e – no caso das festas religiosas – as relações entre pessoas e grupos e as divindades. A festa é por isso o assunto mais sério do mundo.” (Leal, 2021, p.33)

³² Entrevista de Raquel Barbosa a Margarida Luís, Ilha Terceira, 11/04/2023.

³³ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Júlio Rocha, Ilha Terceira, 7/04/2023.

³⁴ Moura, R. (2022, junho). *Que o Espírito Santo influencie a missão*. <https://www.igrejaacores.pt/que-o-espírito-santo-influencie-a-missao/>. Consultado a 23 de outubro de 2023.

As festas foram canceladas, sem recorrer a alternativas digitais, uma vez que estas festas ao terem uma motivação religiosa tendem a ser menos transmitidas digitalmente, pois a relação que se estabelece entre devotos e deuses é do domínio pessoal do devoto que realiza a festa e não tanto do domínio público, para onde muitas festas se direcionam (Leal, 2021).

4.3 A religiosidade

4.3.1 Mudanças na religiosidade

Um outro aspeto notável é a transformação na religiosidade das festas. Foi observada uma mudança gradual, com uma diminuição na adesão religiosa às festas. O que antes era uma celebração profundamente enraizada na devoção religiosa, com base em promessas e a procura de bênçãos divinas, transformou-se em algo mais diluído em termos espirituais. A adesão à religiosidade parece ter diminuído, enquanto a importância cultural e turística e a ênfase em elementos profanos aumentaram.

O padre Moisés Rocha afirma manter-se a devoção ao Espírito Santo, mas a maneira como é expressa mudou ao longo do tempo devido às mudanças na sociedade:

“A devoção mantém-se. A forma como se extravasa essa devoção é que mudou. Os tempos também mudaram e a gente tem que acompanhar esses tempos, verificar que há novas formas de prestar essa devoção. Mas, penso que há anos atrás talvez fosse um pouco mais genuína essa devoção. Hoje mistura-se um pouco a devoção ao Espírito Santo com algo que é mais, digamos, mais profano, sem ser ligado, às vezes, mesmo com a parte da gastronomia.”³⁵

As diversas motivações para participar nas festas do Espírito Santo vão desde motivos religiosos autênticos até aspetos culturais, gastronómicos e até mesmo ganhos pessoais em algumas comunidades.

Na perspetiva de Jorge Barbosa, a principal diferença é a mudança no sentimento religioso associado à festa. Nos dias de hoje, devido ao afastamento das pessoas da igreja, as festas do Espírito Santo são vistas pela população mais como uma tradição cultural do que como um evento religioso:

³⁵ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Moisés Couto Rocha, Ilha Terceira, 29/05/2023.

“A grande diferença, na minha opinião, será o sentimento religioso com que se vive a festa. Dantes toda a freguesia participava da vida religiosa da paróquia, missas, novenas, catequeses, etc. e o cumprimento da “promessa ao Divino Espírito Santo”, era algo que fazia parte dessa vivência. Hoje em dia com o afastamento das pessoas da Igreja, as festas do Espírito Santo são vividas mais como uma tradição cultural e não tanto religiosa.”³⁶

A manutenção da tradição e da cultura constituem um motivo vital para manter a continuidade das festas, mesmo que a religiosidade tenha diminuído. Contudo, o padre Hélder Mendes declara que é necessário distinguir as manifestações puras das manifestações “interesseiras”, isto é, a folclorização do Espírito Santo:

“Vejo em determinados sítios, motivações muito interessantes, porque a questão da motivação eu acho que é fundamental, porque isso é que me dá de facto a questão religiosa ou não. Quer dizer, se há um acontecimento importante na vida de uma pessoa e essa pessoa atribui isso a uma graça de Deus ou a uma graça do Espírito Santo e, por isso, é capaz de, com toda a gratidão, fazer o que acha que não merecia, ou que merece, mas quer multiplicar, replicar, como depois com um ritual que está definido, isso é uma coisa. Depois nas motivações, o rito pode ser sempre o mesmo e a motivação ser totalmente diferente. E, portanto, hoje a gente vê motivações, que é como a questão de um festival. Temos que promover os Açores, pois então vamos fazer sopas do Espírito Santo, vamos encenar uma coroação, depois bandeiras, com um desfile. Às vezes, nas Sanjoaninas, vamos desfilar coroas e bandeiras. Quer dizer, isso não faz sentido nenhum. É um pouco desvalorizar a festa, porque depois pode-se teatralizar ou folclorizar o Espírito Santo. Isso, no meu entendimento é mau, é negativo.”³⁷

A diminuição das promessas religiosas tradicionais, apontadas anteriormente, tem vindo a ser substituídas por formas alternativas de promessas.

José Carlos Silva, devoto do Espírito Santo, afirma ter feito uma promessa ao Espírito Santo, por ocasião de uma doença, mas preferiu distribuir esmolas pelas crianças da escola da freguesia em vez de ter a seu cargo a realização de uma função:

“Eu sou muito devoto do senhor Espírito Santo, e gosto muito do senhor Espírito Santo. E, o ano passado, quando eu fui lá fora, a Lisboa... A Lisboa, não, a São Miguel fazer o tratamento, a Fátima prometeu também que era para dar esmolas ao senhor Espírito Santo, e eu depois disse-lhe “Olha, dá sim senhor, crio. Mas não se vai dar à porta, a pessoas. Ou aos parentes, ou aos vizinhos, e tal.” Depois, pode não dar para todos. Depois ficam a falar mal. E, então, qual era a minha opinião? Eu comprei a bezerra, engordei-a e quando foi, faz agora um ano para Junho, quando acabou a escola, na semana antes de acabar a escola. E, então, eu disse assim: “Olha,

³⁶ Entrevista de Raquel Barbosa a Jorge Barbosa, Ilha Terceira, 26/12/2022.

³⁷ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Hélder Mendes, Ilha Terceira, 6/04/2023.

toda a carne que tiver, que esta bezerra der, é para os pequenos da escola. Não quero nenhuma para casa.”. E assim foi.”³⁸

Antigamente, as promessas ao Espírito Santo como motivo para a realização da função eram mais comuns, com a devoção religiosa a desempenhar um papel central. No entanto, recentemente, novos tipos de promessas ganharam destaque, como a oferta de bens alimentares em honra do Espírito Santo, como fez José Carlos Silva.

4.3.2 A Igreja e o seu papel

Como referido anteriormente, as festas do Espírito Santo nos Açores, representam um rico exemplo de resistência e adaptação ao longo do tempo. O povo açoriano resistiu às imposições da Igreja nas festas do Espírito Santo, que, embora enraizadas na tradição religiosa, também adotaram características únicas e "rebeldes". A relação entre a Igreja e as festas é complexa, e as celebrações demonstram uma notável capacidade de se adaptar a mudanças sociais e influências temporais.

O padre Júlio Rocha realça que é necessário não esquecer que a devoção da população ao Espírito Santo é uma devoção cristã de origem católica que tem raízes dentro da Igreja:

“É preciso não esquecermos que o Espírito Santo é devoção católica, uma devoção cristã, que nasce dentro da Igreja. Se formos às tradições, é tudo dentro da Igreja que nasce, ou quase tudo, digamos assim. Desde Joaquim de Fiore; a Isabel, Santa Isabel de Portugal; a Rainha Leonor, esposa de D. João II, todas são pessoas que estão, de alguma forma, ligadas à devoção ao Espírito Santo. Os franciscanos estão ligados à devoção ao Espírito Santo. E, portanto, acho que seja uma devoção católica.”³⁹

Verifica-se também que a devoção se encontra de tal forma enraizada, que até se estende a quem não é católico (Maciel, 2019). Segundo o padre Júlio Rocha, podemos, de certa forma, caracterizar a devoção ao Espírito Santo como rebelde em relação à Igreja:

“Agora, é a filha rebelde da igreja, a devoção ao Espírito Santo. E, eu gosto de dizer isso. É a filha rebelde, mas não deixa de ser filha, porque quase todas as famílias que têm mais de um filho, tem sempre aquele que é o que sai de casa mais cedo, o que tem as piores notas, o que discute mais com o pai e com a mãe, o que nunca faz bem a vontade. Há um que é todo direitinho, e há outro que é todo refilão, mas também tem muito mais de generoso, é capaz de dar a camisa. Eu vejo o Espírito Santo, dentro da Igreja, um bocadinho como isto. (...) E eu já disse, e repito, até os ateus

³⁸ Entrevista de Raquel Barbosa a José Carlos Silva e Fátima Silva, Ilha Terceira, 11/04/2023.

³⁹ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Júlio Rocha, Ilha Terceira, 7/04/2023.

têm respeito e devoção ao espírito. Se pedires a um ateu que te faça uma coisa em nome do Espírito Santo, um ateu açoriano é incapaz de negar.”⁴⁰

Apesar das influências da Igreja, as festas do Espírito Santo conseguiram preservar as suas características distintas e resistiram à padronização. Elas foram moldadas por avanços e recuos, com a autoridade eclesiástica retrocedendo sempre que tentava impor novas regras, chegando ao ponto de ocorrerem desobediências e descumprimentos das determinações, e até mesmo excomunhões, que não conseguiram fazer desaparecer as práticas populares (Maciel, 2019).

Quanto ao papel da Igreja nas festividades, esta tem um papel significativo e podemos compreendê-lo em duas dimensões propostas pelo padre Hélder Mendes.

A primeira dimensão envolve as pessoas que participam nas festas do Espírito Santo, como as irmandades ou a população locais. As festas são principalmente vividas de acordo com a fé que a população tem no Espírito Santo e promovidas pela comunidade local. As pessoas desempenham um papel central nessas celebrações, agindo como representantes da Igreja. Quando as pessoas perguntam qual é o papel da Igreja nessas festas, a resposta é que as próprias pessoas que participam nas celebrações estão a cumprir o papel da Igreja. Isso ocorre porque essas festas são atos de culto à terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, que faz parte da fé cristã. Portanto, nesta as pessoas que participam são membros da Igreja e fazem parte de irmandades, muitas vezes com estatutos aprovados pelo Bispo da diocese. Essas irmandades são consideradas expressões da Igreja, no sentido de que a representam assim como à fé cristã. Portanto, não faz sentido separar as irmandades da Igreja, como se fossem manifestantes e a polícia em lados opostos.⁴¹

A segunda dimensão envolve figuras do clero e da Igreja, como o pároco e o bispo. O bispo desempenha um papel na aprovação dos estatutos das irmandades e na supervisão geral, principalmente se houver algum problema em torno de uma irmandade. Tal pode acontecer se os próprios irmãos denunciarem algum problema ou se os vizinhos informarem sobre atividades impróprias relacionadas com uma irmandade.⁴² O padre da paróquia local desempenha funções importantes, como abençoar oferendas, conduzir orações e participar em procissões, sendo que “a única função do pároco é colocar a coroa aos Imperadores ou Imperatrizes na igreja e benzer as carnes e o pão que serão utilizados

⁴⁰ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Júlio Rocha, Ilha Terceira, 7/04/2023.

⁴¹ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Hélder Mendes, Ilha Terceira, 6/04/2023.

⁴² Idem.

nas cerimónias, constituindo a “cerimónia da coroação” (Campos, s.d., citado por Noé, 2012).

No entanto, o papel da Igreja não é predominante, e as festas são um reflexo da devoção compartilhada pela comunidade, onde os padres assumem um papel secundário, como afirma o padre Júlio Rocha:

“Apesar de o Espírito Santo ser uma festa da Igreja Católica, é uma festa sobretudo do povo, dos leigos, de iniciativa dos leigos. Os padres são secundários no meio da devoção.”⁴³

A preservação da tradição é vista como fundamental, e a Igreja desempenha um papel importante nesse processo, para assegurar alguma influência sobre a maneira como a religiosidade popular é manifestada e como as comunidades permanecem integradas no sistema ideológico global da sociedade (Campos, s.d., citado por Noé, 2012).

O padre Moisés Rocha afirma ser necessário a Igreja purificar e revitalizar o significado da devoção da população ao Espírito Santo, tornando-o mais relevante, onde o objetivo é dar à tradição um sentido sempre renovado:

“[A Igreja] Tem um papel, e cada vez mais importante, na minha perspetiva, que é ir purificando precisamente todo este sentido e este espírito que deve haver no Espírito Santo.(...) É verdade que é uma tradição muito, muito presa.(...) . A gente, pode ir aos poucos purificando, sem acabar, porque também acabar com aquilo que era a tradição, isso é o mesmo que destruir. Portanto, é aproveitar aquilo que existe tradição e tentando lhe dando sempre um sentido sempre mais novo.”⁴⁴

Embora as festas tenham evoluído ao longo do tempo, elementos espirituais e culturais dessas celebrações são cuidadosamente mantidos. É importante adaptar as festas às mudanças na sociedade, mantendo ao mesmo tempo as tradições essenciais.

4.4 Causas da mudanças e continuidade das festas

Ao longo dos últimos pontos referi diversas mudanças das festas do Espírito Santo que foram ocorrendo nas últimas décadas, relativamente à religiosidade e à participação.

Contudo, verificaram-se também mudanças significativas na forma como essas festividades são realizadas, uma vez que “o carácter arcaico destas festas vai-se perdendo”

⁴³ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Júlio Rocha, Ilha Terceira, 7/04/2023.

⁴⁴ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Moisés Couto Rocha, Ilha Terceira, 29/05/2023.

(Martins, 1992, p. 46). Estas incluem a substituição: da “folia” por “filarmónica”; da “aluminação pela recitação do “terço”; a transição do título “mordomo” para “imperador”; e a transformação de “irmandade” para “comissão” (Martins, 1992). Essas mudanças indicam que os tempos evoluíram e que o presente nem sempre ilumina completamente o passado.

Antigamente, eram mais centradas na fé e na devoção, mas agora há uma mudança em direção a uma ênfase maior na manutenção da tradição, cultura e aparência das celebrações. Essa mudança reflete a capacidade das festas de se adaptarem às necessidades e desejos da comunidade, bem como às mudanças sociais resultantes de variáveis subjacentes à evolução da própria sociedade e não de ação direta da Igreja. São exemplos: a modificação da estrutura da sociedade tradicional açoriana, a partir dos anos setenta; a diminuição da população ativa ligada à agricultura e o crescimento do setor de serviços; o crescimento dos índices de escolaridade e alfabetização em todo o arquipélago; e os valores e padrões culturais da juventude açoriana, com uma maior abertura ao exterior por influência da televisão, que têm sofrido uma forte aculturação.⁴⁵

A emigração demonstra ser um fator proporcionador destas mudanças. Nos últimos 25 a 30 anos, os impérios passaram por mudanças devido à influência generalizada de promessas feitas por emigrantes (Leal, 1994). Este fator também é apontado por Carvalho (1992), ao afirmar que a diáspora açoriana tem sido um veículo da cultura dos Açores e a fé que é vivida pela população está para lá do tempo e do espaço geográfico.

Tanto o padre Hélder Mendes, como o padre Júlio Rocha realçam a influência dos emigrantes nas festas da ilha:

“Outro fenómeno tem sido a emigração. Não só levámos o Espírito Santo para fora, como nos tornámos, como diz Agostinho da Silva, missionários do Espírito Santo no mundo, como também depois beneficiámos do retorno dessa expressão nas nossas ilhas.”⁴⁶

“É interessante que há tradições que vão aos Estados Unidos e já vêm renovadas para cá. Já, já vêm outras.”⁴⁷

⁴⁵ Blayer, I. (2010, maio). *As festas do Espírito Santo no Açores: razões para a sua permanência e causas da decadência (2/2) CARLOS ENES. As festas do Espírito Santo nos Açores: razões para a sua permanência e causas da decadência (2/2) CARLOS ENES - Comunidades - RTP Açores - RTP*. Consultado a 20 de junho de 2022.

⁴⁶ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Hélder Mendes, Ilha Terceira, 6/04/2023.

⁴⁷ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Júlio Rocha, Ilha Terceira, 7/04/2023.

Outro fator apontado é o facto de as festas se adaptarem às circunstâncias locais, que consistem na disponibilidade dos alimentos fundamentais das festas (Enes,1996, citado por Blayer, 2010; Maciel, 2019). O padre Hélder Mendes também enfatiza este facto:

“É a própria cultura rural, porque a festa do Espírito Santo está muito ligada a uma perspectiva da sociedade agrária (...). Nós aqui sempre tivemos muito a cultura da carne, do pão, e, em alguns sítios, do vinho também. Essa dimensão agrária da nossa organização, é ótima para que se faça as festas, para que elas tenham perdurado, e também que seja um facto de alguma decadência.”⁴⁸

Por fim, o fator que é mais referido é a manutenção, preservação da tradição, e a procura de transmissão de geração em geração, de forma a que as festas tenham continuidade.

Almerinda Barbosa realça que a vontade da população para manter a tradição faz com que estas continuem:

“São umas festas características da ilha e há sempre alguém, comissões que são criadas, às vezes com algumas dificuldades, e que não querem deixar cair a bonita tradição.”⁴⁹

E Jorge Barbosa afirma ainda não ter diminuído a tradição cultural relacionada com o Espírito Santo:

“Ao nível cultural/tradição penso que não decaiu e que se manterá, pois ser convidado para uma função, hoje em dia, é sempre uma oportunidade para reencontrar familiares e amigos que já há algum tempo não se vê e sobretudo saborear as tradicionais sopas do Espírito Santo, a alcatra e a massa sovada, que na maior parte dos lugares só é confeccionada nestas alturas e que têm sempre um sabor especial.”⁵⁰

No entanto, a continuidade das festas do Espírito Santo não é motivada apenas pela manutenção da tradição. Embora a vontade da manutenção da tradição desempenhe um papel importante, o padre Júlio Rocha afirma haver outras razões pelas quais as pessoas continuam a realizar as festas do Espírito Santo, sendo uma delas a fé da população:

“Mas não é só por tradição. As pessoas têm fé. As pessoas têm fé naquilo que fazem, as pessoas acreditam realmente no Espírito Santo. O Espírito Santo tem uma coisa diferente das outras devoções. É uma devoção, por exemplo, que não aceita imagens.

⁴⁸ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Hélder Mendes, Ilha Terceira, 6/04/2023.

⁴⁹ Entrevista de Raquel Barbosa a Almerinda Barbosa, Ilha Terceira, 26/12/2022.

⁵⁰ Entrevista de Raquel Barbosa a Jorge Barbosa, Ilha Terceira, 26/12/2022.

E, por isso, há muita ligação com o Judaísmo. Não aceita imagens, aceita símbolos. Nós temos imagens de todos os santos, não temos a imagem do Espírito Santo. Aliás temos a coroa. Não é a imagem do Espírito Santo, é um símbolo. O fogo, as bandeiras, a pomba, o ar. Aliás, o que simboliza melhor o Espírito Santo até é o ar. Spiritum, quer dizer ar. Pneuma, grego, também quer dizer ar. Portanto o espírito é impalpável, não se toca. Esta impalpabilidade do Espírito Santo, esse não ter imagem, faz com que seja aceite, por exemplo, por pessoas de outras religiões.”⁵¹

Essa falta de representação visual do Espírito Santo torna a devoção aceitável para pessoas de diferentes religiões. Por exemplo, no início do povoamento, judeus e cristãos recém-convertidos aderiram à devoção ao Espírito Santo, porque o Judaísmo não permite o uso de imagens. Isso pode ser visto na comida das festas, que costumava ser carne de vaca, uma escolha que respeitava as restrições alimentares judaicas em relação à carne de porco.⁵²

O Espírito Santo é visto pela população como algo que não está limitado a uma única religião ou igreja, mas pertence a todos. Isso contribui para um apelo ecumênico, atraindo pessoas de diferentes origens religiosas.⁵³

Além disso, as festas do Espírito Santo têm várias dimensões, incluindo a social e a caritativa, como a distribuição de esmolas aos pobres. Elas também promovem a união da família e celebram a beleza da comunidade. Isso faz com que as festas do Espírito Santo tenham um significado cada vez mais relevante nos dias de hoje.⁵⁴

4.5 Significado das festas para a população

As Festas do Espírito Santo têm uma importância profunda para a população da ilha Terceira e da cultura açoriana em geral. Como declara o padre Júlio Rocha:

“É fundamental. O Espírito Santo é que une os Açores. (...) A identidade cultural dos Açores é, em grande parte nascida da devoção ao Espírito Santo.”⁵⁵

Há um grande ênfase na valorização das tradições, especialmente a partir do início do século XX (Pereira, 2017). Durante este período, a elite terceirense procurou afirmar os seus valores através de eventos sociais e expressões culturais. Essas práticas estavam

⁵¹ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Júlio Rocha, Ilha Terceira, 7/04/2023.

⁵² Idem.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

ligadas à inclinação da sociedade tradicional para demarcar estratégias de afirmação dos valores locais e da cultura regional (Costa, 2010, citado por Pereira, 2017). Este aspeto de afirmação de identidade influenciou, segundo Pereira (2017), de forma significativa a continuidade de festividades como as do Espírito Santo, uma vez que a sua natureza comunitária reforça o senso de identidade, tanto para os residentes da ilha, como para os emigrantes na diáspora. Neste sentido, a festa do Espírito Santo reforça os fundamentos da tradição coletiva de maneira ritualizada e desprovida de tensões num processo próximo ao de “mumificação da arte” (Maffesoli, 2010, citado por Pereira, 2017).

Jorge Barbosa afirma que as festas do Espírito Santo, enquanto característica cultural mais marcante da ilha, unem toda a população numa celebração em comum:

“Estas festas são a grande marca cultural da ilha, pois são as festas comuns a toda a ilha. Todas as freguesias as celebram e, até mesmo dentro de certas freguesias, existem lugares e ruas que têm as suas festas do Espírito Santo.”⁵⁶

Pereira (2017) aponta ainda que, para além das celebrações do Espírito Santo, a presença deste faz-se sentir na realidade dos terceirenses em diversos momentos e lugares, como prova da identidade coletiva local e símbolo da sua cultura:

“A maneira festiva de celebrar o Espírito Santo expressa os elementos da identidade terceirense no que tange o seu passado de fidelização à cultura portuguesa assimilado no processo de criação de uma identidade autónoma e independente.” (Pereira, 2017, p. 38)

A segunda-feira do Espírito Santo, celebrada após o dia de Pentecostes, demonstra a importância e dimensão destas festas. O próprio Governo Regional dos Açores instituiu a Segunda-feira do Espírito Santo como o Dia dos Açores. Como refere o Decreto Regional nº13/80/A, de 21 de Agosto:

“Formada por pequenas comunidades isoladas durante séculos, a Região Autónoma dos Açores manteve cultos e práticas profundamente populares, totalmente enraizadas no quotidiano e de origem vincadamente portuguesa. Porventura o mais significativo de todos eles será a comemoração do Espírito Santo - em que se entrelaçam as mais nobres tradições cristãs com a celebração da Primavera, da vida, da solidariedade e da esperança -, comemoração cuja vitalidade se alarga naturalmente a todos os núcleos de açorianos espalhados pelo mundo. As celebrações são tão espontâneas, tão vividas e tão intensas que a natureza das coisas como que impõe um inevitável descanso no primeiro dia útil que se lhes segue.

⁵⁶ Entrevista de Raquel Barbosa a Jorge Barbosa, Ilha Terceira, 26/12/2022.

Porque é o mais popular dos dias de repouso e recreio em toda a Região, entende-se justo consagrá-lo como afirmação da identidade dos açorianos, da sua filosofia de vida e da sua unidade regional - base e justificação da autonomia política que lhes foi reconhecida e que orgulhosamente exercitam.

Assim, e nos termos do artigo 229.º, n.º 1, alínea a), da Constituição, a Assembleia Regional dos Açores decreta o seguinte:

Artigo único - 1 - Considera-se como Dia da Região Autónoma dos Açores a segunda-feira do Espírito Santo.

2 - É feriado regional o dia referido no número anterior.

Aprovado pela Assembleia Regional dos Açores em 26 de Junho de 1980.

O Presidente da Assembleia Regional dos Açores, Álvaro Monjardino.

Assinado em Angra do Heroísmo em 21 de Julho de 1980.

Publique-se.

O Ministro da República, Henrique Afonso da Silva Horta.”⁵⁷

A escolha deste dia como feriado da região dá-se por ser uma extensão das celebrações do dia anterior, uma vez que, normalmente, para uma festa de grande dimensão é necessário um grande esforço e trabalho por parte de quem as realiza e vive, pelo que é necessário o descanso. Sendo assim, como nota o padre Hélder Mendes, este dia demonstrou-se propício para representar a região:

“Seria difícil encontrar outro dia que servisse a todos os açorianos. que dessa a unidade regional, e o Espírito Santo por si, ainda que sendo diferente em todas as ilhas, é o mesmo e dá a unidade regional.”⁵⁸

Em suma, as festas do Espírito Santo são importantes para a população da ilha Terceira devido à sua capacidade de unir as comunidades, preservar a identidade cultural, valorizar a fé e a espiritualidade, estimular a economia local, celebrar a generosidade e a solidariedade, promover a criatividade cultural e manter tradições familiares. Elas representam muito mais do que apenas celebrações religiosas. São uma parte essencial do tecido social, cultural e espiritual da comunidade açoriana.

⁵⁷ Decreto Regional n.º 13/80/A de dia 21 de agosto de 1980. Publicado em Diário da República n.º 192/1980, Série I de 1980-08-21. Disponível em: <https://dre.tretas.org/dre/8453/decreto-regional-13-80-A-de-21-de-agosto>

⁵⁸ Entrevista de Raquel Barbosa a padre Hélder Mendes, Ilha Terceira, 6/04/2023.

Conclusão

A elaboração da presente investigação permitiu chegar a um conjunto de conclusões sobre as mudanças, assim como fatores de evolução e manutenção da tradição das festas do Espírito Santo na ilha Terceira.

Ao longo das últimas décadas, as festas do Espírito Santo testemunharam uma evolução notável na religiosidade e na participação.

Em relação à religiosidade, no passado, essas festas eram caracterizadas por uma devoção religiosa mais intensa, centrada na fé no Espírito Santo e nas práticas religiosas tradicionais. A participação nas festas estava fortemente ligada a motivações religiosas, como o cumprimento de promessas e a devoção aos rituais associados à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

No entanto, à medida que o tempo avançou, houve uma mudança notável nessa dinâmica. A participação nas festas já não é predominantemente marcada pela religiosidade fervorosa, mas sim pela vontade crescente na manutenção da tradição e da cultura açoriana. Hoje em dia, a participação nas festas assume uma perspetiva diferente. As pessoas comparecem às festas para manter viva a herança cultural e para participar nas atividades que celebram as suas origens. Isso indica que o aspeto religioso das festas tem vindo a ceder lugar a uma abordagem mais centrada na celebração das tradições culturais e na preservação das aparências.

Essas mudanças na religiosidade e na participação refletem a capacidade das festas do Espírito Santo de se adaptarem às necessidades e desejos da comunidade ao longo do tempo. Também indicam que as festas desempenham um papel fundamental na conexão das pessoas com as suas raízes culturais, além de servirem como uma expressão da identidade cultural da ilha Terceira e da cultura açoriana em geral.

As festas mantêm-se devido a diversos fatores, os quais passo a referir.

A emigração açoriana ocorreu durante os séculos XVIII e XIX para destinos como o Brasil, os Estados Unidos e o Canadá, tendo continuado no início do século XX, e verificou-se um grande fluxo de emigração nos anos 50 e 60, impulsionado por razões económicas e pela procura de melhores condições de vida. A emigração açoriana não só afeta as festas do Espírito Santo na ilha Terceira, mas também mantém essas celebrações vivas e conectadas a comunidades açorianas em todo o mundo. A influência dos emigrantes nas festas é uma demonstração do poder da vontade de manter a cultura e a identidade açoriana, mesmo para aqueles que estão distantes da sua terra natal.

Os emigrantes estabeleceram comunidades de açorianas nos vários destinos no exterior e essas comunidades continuam a celebrar as festas do Espírito Santo, de forma a criar um elo de ligação, mantendo fortes conexões culturais com a sua ilha de origem. Muitos emigrantes visitam as suas ilhas de origem durante as festas do Espírito Santo. Essas visitas frequentemente coincidem com as celebrações e reúnem famílias e amigos, contribuindo para a vitalidade das festas. Frequentemente, estes emigrantes ao voltarem a casa, trazem consigo práticas, tradições e memórias culturais das festas que vivenciaram nas suas comunidades de acolhimento no exterior, o que pode levar à incorporação de novas práticas ou à preservação de tradições específicas nas festas da ilha Terceira, influenciando o modo como essas festas são realizadas.

Para além disso, os emigrantes, muitas vezes, contribuem financeiramente para as festas das suas freguesias de origem. Fornecem apoio financeiro substancial, por vezes como forma de promessa, para garantir que as celebrações sejam realizadas com grande esplendor, incluindo a compra de coroas para o Império.

Outro fator que influencia a manutenção das festas do Espírito Santo são as mudanças sociais, pois estas moldam a natureza das celebrações, afetando a forma como são organizadas, o foco das práticas e como são percebidas pela comunidade. No entanto, essa evolução permite que as festas continuem a ser relevantes e significativas para a população açoriana, adaptando-se às necessidades e desejos em constante mudança da sociedade.

Uma das mudanças mais notáveis é a transição da economia agrária tradicional para uma economia de serviços mais diversificada, que começou a ocorrer nas últimas décadas do século XX, principalmente a partir dos anos 1970. Durante esse período, houve uma diminuição na população ativa ligada à agricultura, e a economia açoriana começou a diversificar-se, com um crescimento do setor de serviços, incluindo turismo, comércio e outras atividades não agrícolas. Essa transição foi influenciada por fatores como o acesso crescente à educação, a emigração de açorianos para outras regiões, e a influência da cultura globalizada, que trouxe novas perspetivas e oportunidades económicas para as ilhas. Essa mudança na economia teve um impacto significativo na vida e nas tradições das pessoas nos Açores, incluindo a forma como as festas do Espírito Santo são realizadas e organizadas.

Outra mudança social é o aumento dos níveis de escolaridade e alfabetização da população. O aumento dos níveis de escolaridade e alfabetização nos Açores começou a tornar-se significativo a partir das décadas de 1960 e 1970. Nesse período, houve esforços

educacionais significativos nas ilhas para melhorar o acesso à educação e promover a alfabetização, em grande parte como meio de desenvolvimento socioeconómico e modernização da região. À medida que as pessoas adquiriram uma educação mais avançada, isso refletiu-se na forma como são organizadas e promovidas das festas. As comissões de festas adotaram abordagens mais sofisticadas, usando materiais escritos e métodos de comunicação mais eficazes.

Uma melhor educação também promoveu a influência da cultura globalizada, especialmente por meio dos média, como a televisão e a internet, que têm expandido as fronteiras culturais. A exposição a influências culturais externas, muitas vezes atraídas pelos jovens, promove a abertura a diferentes formas de expressão cultural e contribui para a evolução das festas. O processo de aculturação, à medida que as comunidades açorianas interagem com outras comunidades, pode levar à incorporação de elementos culturais diversos nas festas, enriquecendo a sua diversidade e relevância. A troca de ideias e inovação ocorre quando as pessoas interagem e compartilham experiências. Isso estimula o surgimento de novas formas de celebração e práticas inovadoras, mantendo as festas relevantes e atraentes, especialmente para as gerações mais jovens.

Além disso, mudanças demográficas, como o envelhecimento da população, também podem influenciar as festas, uma vez que as diferentes faixas etárias possuem necessidades e interesses distintos que podem moldar as celebrações. Com o envelhecimento da população, muitas vezes os participantes ativos nas festas do Espírito Santo estão entre as gerações mais antigas. Tal facto pode influenciar a organização e execução das festividades, uma vez que os mais jovens podem ter menos tempo ou disposição para desempenhar papéis tradicionais nas festas, como o de “mordomos”. Muitas vezes, as gerações mais jovens têm menor envolvimento nas festas devido a mudanças nos seus interesses e estilos de vida. No entanto, também existem esforços para envolver a juventude e incentivar seu papel nas festividades, adaptando tradições para torná-las mais atraentes para as gerações mais novas. Em suma, o envelhecimento da população pode levantar questões sobre a sustentabilidade a longo prazo das festas. Se as gerações mais jovens não se envolverem ativamente, pode ser desafiador manter o mesmo nível de organização e celebração das festas. Isto é, o envelhecimento da população nas ilhas dos Açores tem implicações nas festas do Espírito Santo, afetando a participação, a organização, a preservação da tradição e a sustentabilidade dessas festividades. A adaptação e o envolvimento intergeracional são cruciais para manter viva essa importante expressão cultural.

Por fim, a vontade de manutenção e preservação da tradição desempenham um papel fundamental na continuidade das festas do Espírito Santo na ilha Terceira e nos Açores em geral. Este fator está relacionado com a capacidade das comunidades de continuar práticas culturais e religiosas que se desenvolveram ao longo de gerações, que se unem para garantir que as festas sejam transmitidas de forma autêntica. Alguns pontos-chave que explicam como a manutenção da tradição é um fator crítico na sobrevivência das festividades são: a transmissão intergeracional; a preservação das práticas e rituais; os laços comunitários e a solidariedade; a preservação dos valores da comunidade e espiritualidade; a resistência a mudanças drásticas e a identidade cultural.

As festas do Espírito Santo, como referido anteriormente, são passadas de geração em geração, com membros mais velhos da comunidade a desempenhar um papel fundamental na transmissão das tradições, rituais e conhecimentos associados. Esta realidade assegura que as festas sejam celebradas da mesma forma que eram no passado.

A manutenção da tradição envolve a preservação das práticas e rituais específicos associados às festas, o que inclui a ordem em que os eventos ocorrem, os trajes tradicionais usados, os cânticos e orações realizados, bem como as preparações culinárias e as receitas tradicionais.

A continuação das festas é frequentemente uma iniciativa coletiva, reunindo membros da comunidade para trabalhar juntos na organização e celebração das festas, sendo assim promove a coesão e solidariedade entre os participantes.

As festas do Espírito Santo muitas vezes incorporam valores de generosidade, partilha e caridade. A manutenção desses valores é um aspeto importante da tradição e contribui para a continuidade das festividades.

A manutenção da tradição também pode representar uma resistência à mudança drástica. Num mundo em constante evolução, as festas fornecem um elo com o passado e uma sensação de estabilidade. É importante notar que, embora a manutenção da tradição seja crucial, ela não impede a evolução das festas. As tradições podem ser adaptadas e ajustadas ao longo do tempo para atender às necessidades e desejos da comunidade, mas há uma vontade de continuar uma tradição.

Concluindo, a manutenção da tradição das festas do Espírito Santo é uma parte essencial da identidade cultural açoriana, porque as festas desempenham um papel significativo na construção e na preservação da identidade cultural açoriana. As festas do Espírito Santo têm raízes profundas na cultura açoriana e celebrar as festas da mesma maneira que as gerações anteriores é uma maneira de manter viva a cultura e a herança

cultural. Estas festas são uma parte significativa da identidade regional dos Açores, uma vez que elas unem a população em torno de um evento que é comum a todas as ilhas e é um símbolo da cultura açoriana como um todo.

Em resumo, a manutenção da tradição desempenha um papel vital na continuidade das festas do Espírito Santo na ilha Terceira, preservando as práticas culturais, os valores, a espiritualidade e a identidade associados a essas festas. É um elo crucial entre o passado e o presente, garantindo que as festas continuem a prosperar como uma parte essencial da vida e da cultura açoriana.

Portanto, a evolução das festas do Espírito Santo na ilha Terceira é um reflexo da capacidade de adaptação, da influência da emigração, da vontade da manutenção da tradição, da devoção ao Espírito Santo e do papel essencial dessas festividades na identidade cultural e social da região. Essas festas não são apenas celebrações religiosas, mas também atos de afirmação cultural, solidariedade e coesão da comunidade. Elas representam a herança e a identidade dos açorianos e são uma parte essencial do tecido cultural e social da região. A preservação dessas festas é essencial para a preservação da identidade cultural açoriana, que continuam a evoluir e prosperar como parte intrínseca do tecido da comunidade.

Fontes

Legislação

Decreto Regional nº 13/80/A de dia 21 de agosto de 1980. Publicado em Diário da República nº 192/1980, Série I de 1980-08-21. Disponível em: <https://dre.tretas.org/dre/8453/decreto-regional-13-80-A-de-21-de-agosto>

Testemunhos Orais

Entrevista de Raquel Barbosa a Almerinda Barbosa, Ilha Terceira, 26/12/2022. Duração: 00'08'39.

Entrevista de Raquel Barbosa a Ana Lima, Ilha Terceira, 30/12/2022. Duração: 00'08'32.

Entrevista de Raquel Barbosa a Fátima Silva e José Carlos Silva , Ilha Terceira, 11/04/2023. Duração: 00'35'15.

Entrevista de Raquel Barbosa a Jorge Barbosa, Ilha Terceira, 26/12/2022. Duração: 00'07'43.

Entrevista de Raquel Barbosa a Margarida Luís, Ilha Terceira, 11/04/2023. Duração: 00'08'07.

Entrevista de Raquel Barbosa a Maria João Romeiro, Ilha Terceira, 11/04/2023. Duração: 00'10'40.

Entrevista de Raquel Barbosa a padre Hélder Fonseca Mendes, Ilha Terceira, 6/04/2023. Duração: 00'25'39.

Entrevista de Raquel Barbosa a padre Júlio Rocha, Ilha Terceira, 7/04/2023. Duração: 00'17'10.

Entrevista de Raquel Barbosa a padre Moisés Couto Rocha, Ilha Terceira, 29/05/2023. Duração: 00'21'28.

Bibliografia

American Psychological Association. (2020). *Publication manual of American Psychological Association* (7th ed.). <https://doi.org/10.1037/0000165-000>

- Anacleto-Matias, H. (2010). *As 11 Ilhas do Espírito Santo: Culto e Manifestações Etnográficas e Multiculturais nos Açores e em Tomar e de África ao Brasil*. https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/646/1/COM_HelenaMatias_2010.pdf.
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods*. Oxford:OUP.
- Burke, P. (1989). *A cultura popular na idade moderna. Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Carvalho, A. F. (1992). Em louvor do Divino e... Dos Açorianos. Em: Martins, F., *A festa nos Açores* (pp. 303-304). Serafim Silva.
- Chaves, D. N. (2017). Religiosidade em contexto de turismo cultural. As imagens de vestir nos Açores e Madeira: cinco séculos de um património partilhado. Em: Chaves, D. N. (coord.), *Açores e Madeira: Percursos de memória e identidade* (pp. 169-186). Santa Casa da Misericórdia: Velas.
- Estrella, L. M. V. (2020). *Políticas culturais e crise: Um estudo sobre Rio de Janeiro e Lisboa* [Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/21335>
- Fernandes, A. A., & Fernandes, M. (2006). *Espírito Santo em festa*. Gráfica de Coimbra.
- Hobsbawm, E. & Ranger, T. (Eds.). (1984). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Leal, J. (1994). *As festas do Espírito Santo nos Açores: Um estudo de Antropologia Social*. Publicações Dom Quixote.
- Leal, J. (1997). Açorianidade: literatura, política, etnografia (1880-1940). *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 1(2), 191-211.
- Leal, J. (2016). A antropologia em Portugal e o englobamento da cultura popular. *Sociologia & Antropologia*, 6, 293-319.
- Leal, J. (2017a). *O Culto ao Divino: Migrações e transformações* (1ª edição). Edições 70.
- Leal, J. (2017b). Nação e império: Agostinho da Silva e as Festas do Espírito Santo. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, 4, 75-111.
- Leal, J. (2018). Religião como cultura? As festas do Divino, o tambor de mina e o regime patrimonial. *Revista Pós Ciências Sociais*, 15(30), 91-11.
- Leal, J. (2021). A falta que a festa faz. *A Falta que a Festa Faz*, 22-36.
- Leal, J. (s.d.). *Festas. Um ritual viajante*. <https://festasdoespiritosanto.pt/mapas/> . Consultado a 27 de setembro de 2023.

- Maciel, F. (2019). O Espírito Santo na Ilha de São Jorge. A ténue fronteira entre o religioso e o profano. Em: Chaves, D. N. (coord.), *Memória e identidade insular: religiosidade, festividades e turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores* (pp. 249-262). CHAM; Santa Casa da Misericórdia: Velas.
- Martins, F. (1992). *A festa nos Açores*. Serafim Silva.
- Mendes, H. F. (2001). *Festas do Espírito Santo nos Açores. Proposta para uma leitura teológica pastoral* (1ª edição). Instituto Açoriano de Cultura; Santa Casa da Misericórdia: Angra do Heroísmo.
- Noé, P. (2012, dezembro). *Os Impérios do Espírito Santo na Ilha Terceira*. http://www.monumentos.gov.pt/Site/DATA_SYS/STUDYandDOCUMENTS/NORMAL/da746d0b-f751-4b93-acad-fd95fd88ef28/Artigo%20final.pdf.
- Nunes, L. (2019). Festa do Divino Espírito Santo nos Açores e sua Expressão Identitária: Símbolos, Ritos Religiosos e Populares, Celebrações. Em: Chaves, D. N. (coord.), *Memória e identidade insular: religiosidade, festividades e turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores* (pp. 219-226). CHAM; Santa Casa da Misericórdia: Velas.
- Pereira, K. C. S. (2017). *Ritos e Cenas: As Personagens do Divino Espírito Santo da Ilha Terceira-Açores* [Tese de doutoramento]. Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras.
- Pessoa, J. (2019). *Açores – O Canto das Ilhas*. Relógio D'Água Editores.
- Poirier, J.; Clapier-Valladon, S.; Raybaut, P. (1999). *Histórias de Vida. Teoria e prática* (2ª edição). Celta Editora.
- Quivy, R., & Van Campenhoudt, L. (1992). Manual de investigação em ciências sociais. <https://www.fep.up.pt/docentes/joao/material/manualinvestig.pdf>
- Rocha-Trindade, M. (2019). Em honra dos Migrantes, Sagrado e Profano nas Celebrações Anuais. Em: Chaves, D. N. (coord.), *Memória e identidade insular: religiosidade, festividades e turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores* (pp. 23-42). CHAM; Santa Casa da Misericórdia: Velas.
- Silva, A. (2019). O culto do Espírito Santo no Corvo. Em: Chaves, D. N. (coord.), *Memória e identidade insular: religiosidade, festividades e turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores* (pp. 227-238). CHAM; Santa Casa da Misericórdia: Velas.
- Simões, M. B. (1987). *Roteiro Lexical do Culto e Festas do Espírito Santo nos Açores*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Simões, M. F. (2012). *Em cada canto um Divino Espírito Santo*. Nova Gráfica Lda.

- Sousa, P. M. (2013). Festas do divino Espírito Santo em Portugal e além-mar. *Revista Mosaico*, 6(1), 107-119.
- Sousa, P. M. (2017). *A festa do divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natavidade-Tocatins*. Editora Fi.
- Thomson, A. (2010). Memory and Remembering in Oral History. Em Ritchie, D. (Eds.), *The Oxford Handbook of Oral History* (pp. 77-95). Oxford University Press.
- UNESCO. (2002). *Declaração Universal sobre a diversidade cultural*. <https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20sobre%20a%20Diversidade%20Cultural%20da%20UNESCO.pdf>. Consultado a 6 de outubro de 2023.
- Veal, A. J., & Burton, C. (2014). *Research Methods for Arts and Event Management*. Pearson.
- Vieira, A. (2017). Memória e identidade insular. De Gaspar Frutuoso à atualidade. Em: Chaves, D. N. (coord.), *Açores e Madeira: Percursos de memória e identidade* (pp. 33-74). Santa Casa da Misericórdia: Velas.
- Vieira, A. (2019). Da Economia do Céu e as mobilidades no espaço insular. Peregrinação, romarias e festividades. Em: Chaves, D. N. (coord.), *Memória e identidade insular: religiosidade, festividades e turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores* (pp. 43-52). CHAM; Santa Casa da Misericórdia: Velas.

Webgrafia

- Alcatra à Moda da Terceira. (s.d.). <https://byacores.com/alcatra-moda-terceira/>. Consultado a 5 de outubro de 2023.
- Blayer, I. (2010, maio). *As festas do Espírito Santo no Açores: razões para a sua permanência e causas da decadência (2/2)* CARLOS ENES. [As festas do Espírito Santo nos Açores: razões para a sua permanência e causas da decadência \(2/2\)](#) CARLOS ENES - Comunidades - RTP Açores - RTP. Consultado a 20 de junho de 2022.
- Câmara Municipal de Sintra. (2022, Janeiro). *Sintra em destaque com a tradição da aldeia do Penedo*. <https://visitsintra.travel/pt/info/noticias/sintra-em-destaque-com-a-tradicao-da-aldeia-do-penedo> Consultado a 27 de setembro de 2023.

- Cardoso, J. (2013, junho). *Império do Espírito Santo de São Sebastião*. https://www.flickr.com/photos/joe_taruga/9009904834/. Consultado a 5 de outubro de 2023.
- Conceitos do Mundo. (2022). *Identidade*. <https://conceitosdomundo.pt/identidade/>. Consultado a 20 de setembro de 2023.
- Enciclopédia Açoriana (s.d.). *Hinos*. <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=5166>. Consultado a 5 de outubro de 2023.
- Explore Terceira (s.d.). *Sobre a Terceira*. <https://www.exploreterceira.com/sobre-a-terceira/>. Consultado a 13 de outubro de 2023.
- Martinho, M. (2007, maio). Hino do Senhor Espírito Santo. *Magdala*. <https://magdala.blogs.sapo.pt/5608.html>. Consultado a 5 de outubro de 2023.
- Medeiros, M. (2016, maio 15). Sopas do Espírito Santo. *Tá consolando*. <http://taconsolando.blogspot.com/2016/05/sopas-do-espírito-santo.html>. Consultado a 5 de outubro de 2023.
- Mendes, A. (s.d.). História. *Roteiro das festas do Divino Espírito Santo Açores/Comunidades*. <http://roteirodesazores.com/historia/>. Consultado a 5 de outubro de 2023.
- Mendes, H. (2014, junho). *O Espírito Santo na sua relação com o Império*. <https://www.igrejaacores.pt/o-espírito-santo-na-sua-relação-com-o-império/>. Consultado a 10 de outubro de 2023.
- Moura, R. (2022, junho). *Que o Espírito Santo influencie a missão*. <https://www.igrejaacores.pt/que-o-espírito-santo-influencie-a-missão/>. Consultado a 23 de outubro de 2023.
- Rocha, J. (2022, junho). *O último dia do mundo*. <https://www.igrejaacores.pt/o-último-dia-do-mundo/>. Consultado a 18 de junho de 2022.

Anexos

Anexo A – Definição dos símbolos das festas do Espírito Santo

Símbolos	Descrição
Coroa, ceptro e salva	<p>“É pertença do Império a “Coroa do Divino Espírito Santo”, de prata batida, lavrada, com quatro imperiais ou braços (modernamente seis), tendo no aro, em relevo, uma pomba de asas abertas e, no topo, um globo encimado por outra pomba ou por uma cruz. Atravessado entre os braços e apoiado no aro, coloca-se o “Ceptro”, composto de um punho geralmente liso ou gravado ao qual se amarra um grande laço de fita branca, e de uma haste lavrada, com comprimento de 35 a 40 centímetros, que termina numa esfera sobre a qual pousa uma pomba de asas abertas. Coroa e ceptro descansam na “salva” que se compõe de um prato liso com cercadura em relevo, ao qual está preso um suporte ou pé, tudo na mesma prata batida.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 65)</p>
	<p>“A Coroa do Espírito Santo, forma consagrada de representação da divindade, constitui o elemento em torno do qual se estruturam os Impérios. Trata- -se de uma Coroa em prata trabalhada, encimada por uma pomba, e que constitui a insígnia central de um conjunto de que fazem ainda parte um ceptro — também encimado por uma pomba — e uma salva, ambos em prata.”</p> <p>(Leal, 1994, p. 40)</p>
Altar	<p>“Altar que se ergue no meio da casa do imperador e no qual são colocadas as insígnias do Divino Espírito Santo. Este altar, também designado por trono, reveste uma forma piramidal em escada, sendo encimado por um dossel de rendas brancas e decorado com luzes e flores.”</p> <p>(Simões, 1987 citado por Enciclopédia Açoriana)</p>

Bandeira da coroa	<p>“A “Bandeira da Coroa” é de damasco de seda vermelha orlada de franja de ouro, tendo ao centro, bordadas, numa das fazes, uma coroa, e, na outra, uma pomba de asas abertas cercada por um resplendor. Aos cantos, grandes ramos de flores bordados a ouro. Está presa a uma haste de madeira que ostenta, na parte superior, uma esfera e uma pomba de prata. É amarrada com larga fita de seda branca, também franjada a ouro.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 65)</p>
Varas	<p>“As “varas” são as insígnias dos mordomos e dos convidados que assistem às coroações e às mudanças. (...) São as “varas” que ladeiam a bandeira e a coroa durante os desfiles.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 66)</p>
Imperador	<p>““Imperador” é aquele a quem coube em sorte festejar o Espírito Santo. Para tanto, arma em casa o trono, com muitas flores e lumes, geralmente colocado na parede do fundo do “meio-da-casa”, frente à porta de entrada, e no último degrau coloca a coroa e o ceptro sobre a salva. Ao lado, a bandeira.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, pp. 66-67)</p>
Mordomos	<p>““Mordomos” são os irmãos escolhidos ou eleitos para realizarem os bodos nos domingos de Pentecostes e da Trindade. Quando há mais de um para o mesmo Domingo (e às vezes há cinco e seis), chamam “Procurador” ao principal que é o que leva a coroa e toma conta do dinheiro. Os outros fazem os peditórios e recebem as esmolas, ou sejam: ovos, galinhas, milho, trigo, fava, lã, etc. Com o produto da venda destas esmolas, compra-se o trigo para o pão, para a massa sovada e para as rosquilhas, e ainda o vinho para o bodo.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 67)</p>
Carros do Espírito Santo	<p>“Para o transporte das pipas e dos sacos de trigo usam os carros enfeitados de mastros e bandeiras, geralmente brancas e vermelhas, listadas ou bipartidas. São os chamados “Carros do Espírito Santo”, puxados a uma junta de bois escolhidos entre os de melhor estampa e ajouçados com a “canga do bodo”, ornamentada a arcos de flores de papel de variadas cores.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 67)</p>

Folia dos bezeros	<p>“” Folia dos bezeros” ou “bezerrada” chama-se ao passeio, pelas ruas, do gado que vai ser abatido e cuja carne será repartida, em quinhões de esmola, pelos Mordomos, pelos Irmãos e pela pobreza do lugar. Os bezeros são enfeitados com boninas ou flores e fitas de papel de variadas cores, coladas à pelagem com breu. Nas hastes, levam às vezes arcos de verdura e flores com uma cruz ou bandeira no topo. Na testa, costumam prender uma coroa ou uma pomba recortadas em cartolina branca. Duas ou três vacas, com vistosos colares de cabedal enfeitados a fivelas e pregaria de latão, tendo pendentes grandes chocalhos, precedem o cortejo em cujo couce segue a fiada dos cantadores e a dos músicos, cantando e tocando o “Pezinho”, denominado “dos bezeros” (...).”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, pp. 67-68)</p>
Função	<p>“Chama-se “Função” ao conjunto de actos que é obrigado a praticar todo aquele que festeja o Espírito Santo, mas designa especialmente o jantar que o imperador oferece aos convidados no Domingo em que se realiza a coroação.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 65)</p> <p>“Muito embora o termo «função» designe, genericamente, o conjunto dos actos que constituem e definem, em cada ilha, as festas do Espírito Santo, utiliza-se, mais frequentemente, para designar o «jantar» que o «Imperador» oferece aos irmãos, aos convidados e aos convivas, no domingo da «coroação».”</p> <p>(Simões, 1987 citado por Enciclopédia Açoriana)</p>

Tabela 1 – Definição dos símbolos das festas do Espírito Santo

Fonte: Elaboração própria

Anexo B – Definição da ementa das festas do Espírito Santo nos Açores

Elemento	Descrição
Sopa do Espírito Santo	<p>“É feita com caldo de carne, temperado com sal, louro, hortelã, pau de cravo, pimenta e molho de alcatra. Leva pão (pão d’água) cortado à faca em grossos nacos, e algumas folhas de repolho. É cozinhada em grandes caldeirões, ao ar livre, sobre trempes de ferro ou simples pedras, dispostas de modo conveniente junto a uma parede para desviar o lume do vento. Serve-se em grandes tigelas de louça de barro.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 68)</p>
Cozido	<p>“Grandes postas de carne de vaca, galinha (uma para cada panelão), sangue, fígado, toucinho, repolho aos quartos e por vezes batata.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 68)</p>
Alcatra	<p>“A carne escolhida é passada com sal e vinho branco que se deita num alguidar especial, em barro cozido, chamado “alguidar de alcatra”, temperada com toucinho defumado às tiras, gordura (banha de porco), cebola, alho, pimenta e baga de cravo, indo ao forno a cozer. Serve-se no próprio alguidar.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, pp. 68-69)</p> <p>“Cozinhado típico açoriano com receitas e variantes recolhidas na ilha Terceira, registadas estas. De carne de vaca designada alcatra, ou outra se com osso, incluindo um pouco de chambão, é confeccionada, em forno de lenha ou a fogo directo, com vinho (branco ou «de cheiro» - de uva americana com outro tanto de água) e cuja tónica de sabor e odor deriva de especiarias (pau-de-cravo, casca de canela, jamaica) a que se juntam lascas de toucinho de fumo, cebola, alho e louro, tudo em alguidar de barro não vidrado (alguidar de alcatra da olaria popular). É prato das ementas das funções - jantar comunitário das Festas do Espírito Santo, sendo acompanhado de pão de leite ou massa sovada. Particularmente gostosa quando regada de novo e reaquecida.”</p> <p>(Afonso, 1996, citado por Enciclopédia Açoriana)</p>

Pão de mesa	<p>“É de grande formato, feito de farinha de trigo e preparado com leite. Acompanha o cozido e a alcatra.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 69)</p>
Pão d’água	<p>“Destina-se especialmente à sopa. Coze-se alguns dias antes de servir, para ficar duro, e “acama-se” nas tigelas para receber bem o caldo.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 69)</p>
Pão doce	<p>“Prepara-se com leite, ovos, açúcar e um pouco de banha de porco, ou manteiga. É muito apreciado para acompanhar a alcatra.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 69)</p>
Massa sovada	<p>“Feita com farinha de trigo escolhida, leva leite, açúcar, ovos, banha e manteiga, adicionando-se-lhe por vezes “erva de N.^a S.^a” que lhe dá aroma e sabor característicos. Quando lhe dão a forma de uma argola, com espessura, que varia entre 6 a 10 centímetros, chamam-lhe “rosquilhas”. Há-as de grandes dimensões, com cerca de 50 centímetros de diâmetro. Normalmente leva meio alqueire de farinha.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 69)</p>
Vinho de cheiro	<p>“Vinho feito de uvas da casta Isabel, é fortemente aromático, donde lhe vem o nome. Serve-se em canjirões.”</p> <p>(Ilhéu, 1980, citado por Fernandes & Fernandes, 2006, p. 69)</p>

Tabela 2 – Definição da ementa das festas do Espírito Santo nos Açores

Fonte: Elaboração própria

Anexo C - Guião de entrevistas

Guião de entrevista - Leigos

1. Já participou em alguma festa do Espírito Santo? Se sim, em que ano(s)?
2. Como descreve as festas do Espírito Santo de há 30 anos?
3. Quais os principais motivos de realização dessas festas?
4. Nos dias de hoje, esses motivos mantêm-se os mesmos, ou sofreram alterações?
5. Quais as principais diferenças que se evidenciam dessas festas para as festas da atualidade?
6. Sentiu alguma variação na adesão da população, que há 30 anos?
7. Na sua opinião, porque se mantêm as festas do Espírito Santo nos dias de hoje?
8. Acha que se assistiu a uma decadência das festas do Espírito Santo? Se sim, porque razões acha que isso aconteceu?
9. Qual a importância das festas do Espírito Santo para a ilha/população?
10. A identidade (cultural) está associada às festas do Espírito Santo? Porquê?

Guião de entrevista - Clero

1. Já participou em alguma festa do Espírito Santo? Se sim, em que ano(s)?
2. Como descreve as festas do Espírito Santo de há 30 anos?
3. Como descreve as festas do Espírito Santo hoje?
4. Quais os principais motivos para a realização dessas festas hoje?
5. Na sua opinião, porque se mantêm as festas do Espírito Santo nos dias de hoje?
6. Sentiu alguma variação na adesão da população, que há 30 anos? Se sim, quais os motivos dessa alteração?
7. Quais as principais diferenças que se evidenciam dessas festas para as festas da atualidade?
8. Acha que se assistiu a uma decadência das festas do Espírito Santo? Se sim, quais as razões?
9. Qual o papel da Igreja nas Festas do Espírito Santo?
10. Houve alguma evolução/mudança desse papel ao longo do tempo?
11. Qual a importância das festas do Espírito Santo para a ilha/população?
12. A identidade (cultural) está associada às festas do Espírito Santo? Porquê?

Anexo D – Perfil dos entrevistados leigos

		Entrevistado A	Entrevistado B
Variáveis sociodemográficas	Nome	Jorge Barbosa	Almerinda Barbosa
	Idade	55 anos	54 anos
	Género	Masculino	Feminino
	Grau de escolaridade	Ensino secundário	Ensino secundário
Variáveis pertinentes para a entrevista	Residentes na freguesia	Não reside atualmente na freguesia, mas residiu até 1993.	Não reside atualmente na freguesia, mas residiu até 1993.
	Vida pessoal e contexto social em que se insere. Contacto direto e participação nas festas do Espírito Santo na freguesia da Aqualva nos últimos 30 anos.	Embora já não seja residente na freguesia, a sua participação nas festas da mesma manteve-se constante, uma vez que se tratam de festas familiares, e grande parte da família se encontra na freguesia. É ainda atualmente o diretor do coro da igreja da Aqualva.	Embora já não seja residente na freguesia, a sua participação nas festas da mesma manteve-se constante, uma vez que se tratam de festas familiares, e grande parte da família se encontra na freguesia. É membro do coro da freguesia.

Tabela 3 – Perfil dos entrevistados leigos

Fonte: Elaboração própria

		Entrevistado C	Entrevistado D
Variáveis sociodemográficas	Nome	Ana Lima	Margarida Luís
	Idade	56 anos	70 anos
	Género	Feminino	Feminino
	Grau de escolaridade	6º ano de escolaridade	4º ano de escolaridade
Variáveis pertinentes para a entrevista	Residentes na freguesia	É residente na freguesia, onde residiu toda a sua vida	Residente na freguesia há 49 anos.
	Vida pessoal e contexto social em que se insere. Contacto direto e participação nas festas do Espírito Santo na freguesia da Aqualva nos últimos 30 anos.	Desde criança sempre esteve envolvida na comunidade paroquial. É membro do coro da freguesia desde então. Já fez parte da comissão da Igreja, por diversos anos, e integrou diversas organizações de festas do Espírito Santo. Não consegue numerar exatamente em quantas festas já participou, por lhes ter perdido a conta.	Desde que veio para a freguesia esteve envolvida nas festas, em especial no auxílio na preparação e confeção das tradicionais sopas do Espírito Santo.

Tabela 3 – Perfil dos entrevistados leigos (continuação)

Fonte: Elaboração própria

		Entrevistado E	Entrevistado F	Entrevistado H
Variáveis sociodemográficas	Nome	Maria João Romeiro	Fátima Silva	José Carlos Silva
	Idade	71 anos	69 anos	72 anos
	Género	Feminino	Feminino	Masculino
	Grau de escolaridade	4º ano de escolaridade	4º ano de escolaridade	4º ano de escolaridade
Variáveis pertinentes para a entrevista	Residentes na freguesia	É residente na freguesia, onde residiu toda a sua vida	É residente na freguesia, onde residiu toda a sua vida	É residente na freguesia, onde residiu toda a sua vida
	Vida pessoal e contexto social em que se insere. Contacto direto e participação nas festas do Espírito Santo na freguesia da Agualva nos últimos 30 anos.	À semelhança de Ana Lima, Maria João Romeiro sempre esteve envolvida na comunidade paroquial, onde é catequista e membro do coro da freguesia. Já fez parte da comissão da Igreja, por diversos anos, e integrou diversas organizações de festas do Espírito Santo. Não consegue numerar exatamente em quantas festas já participou, por lhes ter perdido a conta.	É mulher de José Carlos Silva, o que implica a sua relação direta com a assiduidade deste nas festas e a sua participação na comissão do bodo, assim como José Carlos. Para além disso, é também membro do coro da freguesia.	É assíduo nas festas do Espírito Santo da freguesia, sendo que já fez parte da comissão promotora do bodo, e continua a auxiliar familiares e vizinhos no desempenho dessas tarefas.

Tabela 3 – Perfil dos entrevistados leigos (continuação)

Fonte: Elaboração própria

Anexo E – Perfil dos entrevistados do clero

		Entrevistado I	Entrevistado II	Entrevistado III
Variáveis sociodemográficas	Nome	Pe. Doutor Hélder Fonseca Mendes	Pe. Doutor Júlio Rocha	Pe. Moisés Couto Rocha
	Idade	57 anos	54 anos	68 anos
	Grau de escolaridade	Doutoramento	Doutoramento	Bacharelado em Teologia
	Anos de sacerdócio	Ordenado sacerdote em 1988	Ordenado sacerdote em 1992	Ordenado sacerdote em 1979
Variáveis pertinentes para a e entrevistista	Participação nas festas do Espírito Santo	Sim, tanto no papel de pároco, como popular	Sim, tanto no papel de pároco, como popular	Sim tanto no papel de pároco, como popular
	Autor de textos sobre a temática	É o autor da tese de doutoramento intitulada “Do Espírito Santo à Trindade: um programa social de cristianismo insculturado”, e diversos artigos sobre o Espírito Santo publicados no site da Igreja Açores.	Autor do artigo intitulado “O último dia do mundo”, onde aborda diferenças sentidas nas festas do Espírito Santo da ilha Terceira.	-
	Outras	-	-	É o atual pároco da freguesia em estudo

Tabela 4 – Perfil de entrevistados do clero

Fonte: Elaboração própria